



Instituto Universitário

**COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL E  
ESTILO INSTRUCIONAL EM  
TREINADORES DE FUTEBOL**

GONÇALO CASTANHO

Orientador de Dissertação:  
PROF. DR. PEDRO ALMEIDA

Coordenador de Seminário de Dissertação:  
PROF. DR. PEDRO ALMEIDA

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:  
MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Social e das Organizações

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de  
Prof. Dr. Pedro Almeida, apresentada no ISPA – Instituto Universitário  
para obtenção de grau de Mestre na especialidade de  
Psicologia Social e das Organizações conforme o despacho da DGES, nº 19673 / 2006  
publicado  
em Diário da Republica 2ª série de 26 de Setembro de 2006.

## AGRADEÇIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos os que tornaram possível este estudo. São já várias as horas, dias e anos nesta linha de estudo, num campo pioneiro e extremamente interessante. Só esse mesmo interesse tem impedido o esmorecimento, com tantas vicissitudes ao longo do caminho.

Uma palavra especial para o meu orientador, primeiro farol e referencia, que me cativou para o estudo da psicologia aplicada ao desporto com o seu percurso académico, profissional e sensibilidade humana.

Um enorme obrigado ao Professor Garcia-Más, por sempre ter mantido incondicionalmente o apoio e o incentivo sobre esta linha de estudo, ajudando e defendendo o estudo da comunicação não verbal, como uma área de conhecimento por explorar na psicologia do desporto e com efectiva pertinência. Sem o seu acreditar e incentivo, teria sido bastante mais difícil trilhar este percurso.

O respectivo agradecimento pela colaboração da Prof. Dr. Helena Carvalho e Prof. Dr. Mónica Aldeia, reconhecidas especialistas em Análise de Correspondências Múltiplas, das quais a sua colaboração foi essencial e fundamental para o termino do trabalho. Obrigado pela disponibilidade, contributo e incentivo para o estudo do tema e da utilização da respectiva metodologia.

Agradeço a mim mesmo, pela perseverança, acreditar, brio e linha orientadora que sempre procuro ter, seguindo os mesmos objectivos com que iniciei, mesmo perante as adversidades que tem surgido no caminho. É meu objectivo, afirmar-me como profissional de referência na área da psicologia do desporto, primando pela competência, independentemente de todos os esforços ou pedras que terei de apanhar, para construção do meu castelo.

Quero agradecer à minha família, que sabe bem quem eu sou. Apesar de tudo o que juntos, temos passado, tenho o maior orgulho de onde vim, e nunca o esquecerei. A minha força é a vossa força, sem dúvida.

Por último, uma palavra para a Cátia, que no entretanto, se me uniu neste caminho, e tem vivido de perto a intensidade e a paixão que a psicologia no desporto me despertam, e ela mesmo, se tem tornado uma solidária aficionada. És uma das peças do puzzle que faltavam, obrigado por tudo, por me acompanhares e estares ao meu lado acreditando sempre em mim e no meu valor.

NOME: Gonçalo Luís Farinho Caracol Castanho

Nº - 10822

CURSO: Mestrado Integrado

ÁREA DE ESPECIALIZAÇÃO: Psicologia Social e das Organizações

ANO LECTIVO: 2009/2010

ORIENTADOR: Prof. Dr. Pedro Almeida

DATA: Julho de 2010

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: Comunicação Não Verbal E Estilo Instrucional Em Treinadores De Futebol

#### RESUMO

O objectivo do estudo  compreender as relações que existem entre a comunicação não verbal e o estilo instrucional dos treinadores de futebol, com a finalidade de complementar as análises sobre os seus comportamentos com a comunicação não verbal adjacente. Foi utilizada a versão adaptada e reduzida do Sistema de Observao de Comportamentos de Treinadores – Coach Behavioral Assessment System, CBAS, Smith et al., 1977), e o Sistema de Observao de Comunicao Não Verbal (SOCNV, Garcia-Mas, Castanho e Almeida, 2007) com um conjunto de treinadores de futebol juvenil de cariz competitivo.

Os resultados apresentam o perfil comunicacional não verbal dos treinadores em estudo, mostram a existência de relações entre os distintos estilos instrucionais e algumas categorias específicas da Comunicao Não Verbal (Por exemplo Contacto Visual, Expressão Facial, Postura Corporal, ainda Postura Corporal ou Tom e Ritmo de Voz) diferenciando claramente os estilos Punio, Instruo ou Reforçador. Por último,  abordado o possível significado das características da Comunicao Não Verbal associada a cada estilo de Comportamento; as possíveis aplicaoes do instrumento de observao de Comunicao No Verbal e as limitaoes do Estudo.

**Palavras-Chave: Comunicao, Treinador e CBAS**

ABSTRACT

The aim of this study is to find the relationships between the Non Verbal Communication and the Instructional style of several soccer coaches, in order to try to complement the analysis of the coaches' behaviors with their non-verbal communication. We applied an adapted and short version of the *Coach Behavioral Assessment System*, (CBAS, Smith et al., 1977), and the *Non-verbal Communication Observation System* (SOCNV, Garcia-Mas, Castanho and Almeida, 2007) on a group of youth competitive soccer coaches.

The results shown for each coach his own non-verbal style and the existence of several relationships between the instructional styles and several Non-verbal communication categories (as the visual contact, the facial expression, the body posture, or the voice tone and rhythm), obtaining a clear differentiation among the Punitive, Instructional o Supporting instructional styles. Lastly, we discuss the possible meaning of the Non-verbal Communication features associated with each instructional style; the future application of the SOCNV for to observe the coaches' Non-verbal Communication styles, and the limitations of this study.

**Palavras-Chave: Communication, Coach and CBAS**

## ÍNDICE

Introdução.....	9
Comunicação .....	9
Comportamento Não Verbal.....	12
Cinestesia.....	13
Proxémica.....	15
Paralinguagem.....	15
Modelo Multi-Dimensional de Liderança no Desporto.....	16
Sistema de Avaliação do Comportamento do Treinador.....	18
Método.....	20
Participantes.....	20
Material.....	20
Procedimento.....	20
Resultados.....	22
Discussão.....	36
Referências Bibliográficas.....	46
Anexos.....	50
Anexo A: Categorias de observação adaptadas do CBAS.....	51
Anexo B: Grelha de Registo de Comunicação Não Verbal – SOCNV.....	53
Anexo C: Variáveis e Categorias que transitaram para estudo.....	55
Anexo D: Output da Análise Descritiva.....	57
Anexo E: Outputs da Análise ACM.....	64

## ÍNDICE DAS TABELAS

TABELA I: Comportamentos dos Treinadores observados mediante CBAS.....	22
TABELA II: Estilo Instrucional dos Treinadores Estudados (versão reduzida e adaptada do CBAS).....	23
TABELA III: Distribuição das categorias de CNV.....	24
TABELA IV: Definição das diferentes variáveis Não Verbais estudadas .....	26
TABELA V: Relação entre as Categorias Instrucionais do CBAS e as Categorias de CNV do SOCNV.....	31
TABELA VI: Estilos de CNV dos Treinadores estudados .....	34

## ÍNDICE DAS FIGURAS

FIGURA 1: Disposição das variáveis da Comunicação Não Verbal .....	27
FIGURA 2: Espaço da Comunicação Não Verbal .....	28
FIGURA 3: As categorias CBAS no espaço da Comunicação Não Verbal .....	29
FIGURA 4: As categorias CBAS modificadas no espaço da comunicação não verbal.....	32
FIGURA 5: Perfis de Comunicação Não Verbal (PCNV) dos Treinadores em estudo .....	33

## INTRODUÇÃO

Apesar da grande importância que a informação não verbal detém na aprendizagem humana, e especialmente na aprendizagem de acções motoras (Staats & Staats, 1957; Schneider & Shiffrin, 1977; Huertas, 1985; Schacter, Delaney & Merikle, 1990), o estudo da comunicação não verbal (CNV) não tem sido considerado como prioritário no campo da psicologia da actividade física e do desporto.

Num contexto caracterizado por grupos de rendimento, que procuram concretizar objectivos através do colectivo, a articulação e comunicação entre os diferentes agentes que compõem o grupo revela-se fundamental. Se tivermos em conta que um grupo desportivo se caracteriza por processos de competição/cooperação interna oscilantes, Garcia-Mas (2001), Garcia-Mas et al. (2006, 2008), de coesão (Carron & Widmeyer, 1982) de estados de ânimo entre jogadores (Sy & Côte, 2005), ou de coordenação comunicativa (Eccles & Tenenbaum, 2004), bem como no número substancial de elementos que o compõem, essa articulação entre os agentes torna-se complexa e rica, sendo por si só, motivo de interesse e análise, revelando-se um aspecto determinante na obtenção de rendimento desportivo. A comunicação, é pois um dos veículos pelo qual o treinador, os líderes, podem influenciar as mais diversas variáveis psicológicas nos seus atletas, bem como os atletas se influenciam mutuamente.

De acordo com Weinberg & Gould (2007), não importa o quanto um treinador é brilhante no planeamento de estratégias e de aspectos técnicos do jogo, porque o sucesso depende da capacidade de comunicação eficaz, não só com os atletas, mas também com pais, árbitros, treinadores adjuntos, média e outros treinadores. Isto é, não se trata dos conhecimentos que um treinador possa ter, mas sim da forma como comunica essa informação.

### Comunicação

Aprofundando um pouco mais, tendo em conta Fiske (1990), a comunicação é uma actividade humana que todos reconhecem mas que poucos sabem definir satisfatoriamente. O autor assume que a comunicação é passível de estudo, mas são necessárias várias abordagens disciplinares para podermos estudá-la exaustivamente. Fiske (1990), considera que a comunicação envolve signos e códigos, sendo os signos "artefactos ou actos que se referem a algo que não eles próprios (...)" e os códigos são "sistemas nos quais os signos se organizam e

que determinam a forma como os signos se podem relacionar uns com os outros" (pág.14). Tais signos e códigos são transmitidos a outros, sendo uma prática das relações sociais. A comunicação em última instância, na perspectiva do autor, é um ponto central na cultura humana, definindo esta comunicação, como "interacção social através de mensagens".

Weinberg & Gould (2007), reforça ainda que, boas capacidades de comunicação são um dos ingredientes mais importantes para o incremento da performance e crescimento pessoal dos participantes em actividades desportivas.

Ainda sobre comunicação, importa referir o modelo conceptual de comunicação, que estrutura o processo, proposto por Crespo & Balaguer (1994). De acordo com os referidos autores, a concepção básica da comunicação contempla unicamente três elementos fundamentais: emissor (trata-se do indivíduo que emite a mensagem), mensagem (corresponde ao conteúdo do que se pretende transmitir) e receptor (diz respeito ao indivíduo que recebe a mensagem).

Todos os processos de comunicação seguem sempre o mesmo esquema. Num primeiro momento, o emissor tem a intenção de enviar uma mensagem a outra pessoa, para tal codifica os pensamentos numa mensagem, através de símbolos ou signos. Num terceiro momento, a mensagem é canalizada através de palavras na maioria dos casos, podendo também ser efectuada com linguagem não verbal, até ao receptor, que de seguida, descodifica a mensagem. Por fim, o receptor pensa na mensagem e responde internamente através de uma emoção, Weinberg & Gould (2007), sendo que as mensagens podem ter objectivos concretos ou serem enviadas com múltiplos propósitos.

Sobre a relação entre comunicação e emoções, a literatura (Crespo & Balaguer, 1994) salienta que, quando comunicamos não o fazemos de uma forma neutra e intervém uma grande quantidade de emoções. Assim, intervém quer um processo cognitivo (que se ocupa dos aspectos lógicos), quer um aspecto afectivo (que se ocupa das emoções).

Relativamente às barreiras comunicacionais, estas poderão provir quer do emissor, quer do receptor. O emissor pode enviar mensagens ambíguas, inconsistentes e incoerentes. Quanto ao receptor, as falhas na comunicação implicam aspectos mais complexos, dado que para além de aspectos ligados à compreensão, podem ocorrer aspectos ligados à ausência de escuta, como por exemplo " a rejeição do falante" pelo ouvinte, referida por Pina e Cunha et al. (2004), que

poderá resultar de características e comportamentos do primeiro, mas igualmente da postura e atributos do segundo.

Weinberg & Gould (2007), consideram ainda que no respeitante à inconsistência das mensagens, um dos factos mais comuns é a inconsistência entre a mensagem verbal e a mensagem não verbal, i.e. as mensagens que se consubstanciam em aspectos como os gestos, expressão facial ou contacto visual (Pina e Cunha et al, 2004).

Apesar disso, os esforços para sistematizar o estudo da CNV dos treinadores desportivos na actuação com os seus jogadores nos treinos e competições têm sido escassos. No entanto, já tinha sido evidenciada a sua relevância (Smith et al., 1978), e excepção feita a estudos isolados (Quintillan, 1992), foi Alzarate et al. (1997) que elaboraram um questionário (*Perfil de Estilo de Comunicação no Desporto*, PECD) baseado num estudo prévio sobre estilos de comunicação no trabalho (Gilmore & Fraleigh, 1993), para estudar através de observação os estilos de comunicação dos treinadores de basquetebol, a partir das percepções da sua forma de comunicar por parte dos jogadores da equipa. A partir do mesmo, definiram quatro estilos de comunicação: Contemplando/Harmonizando, Analisando/Perseverando, Logrando/Dirigindo e Afinando/Perfeccionismo, que podiam ser reconhecidos em dois tipos de situações: em calma e sob pressão de rendimento.

Apesar destes esforços, não têm existido estudos rigorosos dirigidos a transferir e operacionalizar os elementos clássicos e directamente observáveis da CNV no estudo dos estilos comunicacionais dos treinadores (ou de outro agente desportivo) de equipas desportivas. Trabalhando neste campo, os autores definiram num trabalho prévio os distintos factores específicos derivados directamente das três dimensões da CNV (Cinestesia, Proxémica e Paralinguística, Burke, 2005; Martens, 1987; Weinberg & Gould, 2007), e elaboraram um registo de observação da CNV dos treinadores, que foi validado em situação de campo (Garcia-Mas, Castanho e Almeida, 2007). As variáveis de observação incluíam: Conjugação Verbal das instruções; Ritmo; Repetição; PedeFeedback; Pausas e Silêncios; Linguagem Gestual; Distância Física; Contacto Visual; Expressão Facial; Postura Corporal e Organização de Grupo.

## Comportamentos Não Verbais

Segundo Friske (1990), sempre que um indivíduo está a falar, é possível observar que permanentemente efectua movimentos denominados comunicação não verbal.

Horn (2002), considera que a maioria da investigação no campo do comportamento comunicacional do treinador, que tem sido feita até ao momento, tem-se limitado a registar a frequência do tipo de feedback (reforço, punição, encorajamento e instrução técnica) do treinador em relação aos sucessos e fracassos. Contudo, a autora salienta que este tipo de registo não é relevante para a performance e crescimento pessoal do indivíduo, considerando que a tónica deverá ser aplicada à qualidade deste feedback, e como é lógico, a mensagem que decorre desse feedback e a forma como é transmitida.

Estudos efectuados (Crocker 1990; Kenow & Williams 1992; citados por Horn, 2002) indicam que os atletas apercebem-se e interpretam os comportamentos não verbais exibidos pelos seus treinadores, e que estes comportamentos estão associados às percepções de competência e satisfação do seu treinador.

Tendo em conta Nick & Smallman (cit. por Bainbridge, 2006), este considera que numa comunicação, os elementos que vão influenciar são, na sua maior parte, processados a um nível inconsciente, apontando especificamente para elementos da comunicação não verbal, tais como: linguagem corporal, contacto visual e o tom de voz. A razão para que tal aconteça resulta de que a informação proveniente da linguagem não verbal é processada pelo sistema límbico, que é responsável pelo processamento da informação emocional pré verbal, estando fora da alçada do controle consciente (Thorne, 2005)

Hall (cit. por Thorne, 2005), afirmou que 60% de toda a comunicação é não verbal, mas Daniel Goleman (cit. por Thorne, 2005), criador do conceito “Inteligência Emocional”, afirma que 90% das nossas emoções são expressas não verbalmente. A estimativa mais largamente aceite sobre esta matéria é a de que em comunicações frente-a-frente, a componente não verbal contribui cerca de 60% a 80% para o impacto geral da mensagem, 20% a 30% são dependentes da vocalização e os restantes 10% são atribuídos às palavras em si. (Thorne, 2005)

As mensagens não verbais, revelam-se um dos factores mais importantes do processo de comunicação. Também segundo Weinberg e Gould (2007), que referem a existência de estimativas de diversos investigadores, indicarem que entre 50% a 70% da informação presente na comunicação provém de mensagens não verbais, sendo que os treinadores e desportistas estão a ser constantemente observados face às suas mensagens não verbais. Uma correcta compreensão das pistas não verbais melhora a eficácia, quer do envio quer da recepção da mensagem. Weinberg & Gould (2007).

As principais funções da comunicação não verbal, segundo Burrillo (1981, citado por Crespo & Balaguer, 1994) incluem expressar e comunicar estados emocionais, transmitir informação sobre o estado emocional do emissor, controlar a interacção social exteriorizando atitudes, apoiar e complementar a comunicação verbal, substituir a comunicação verbal, proporcionar feedback do efeito da comunicação aos participantes de uma interacção.

Esta comunicação foi conceptualizada e estabeleceu-se os seguintes tipos de comunicação não verbal: cinestesia, proxémica, paralinguística. (Weinberg e Gould, 2007)

### Cinestesia

Diz respeito à forma como comunicamos através da aparência física, postura, gestos, toque e alterações nas expressões faciais e oculares (Martens, 1987).

A postura é considerada por Friske (1990), um indicador do estado emocional, sobretudo o grau de tensão ou de descontração, assim como a marcha ou a posição dos braços em relação ao corpo.

Os gestos utilizados expressam uma mensagem, quer queiramos quer não. No desporto é frequente treinadores serem expulsos do jogo após a utilização de gestos Weinberg & Gould (2007). A forma como andamos também comunica a forma como nos sentimos. Quando as pessoas estão tristes o passo é lento, de cabeça no chão e mãos nos bolsos. Quando nos sentimos contentes, o passo é rápido, a postura é erecta e os braços oscilantes. (Martens, 1987)

A maior parte das pessoas comunica com gestos e com outros movimentos corporais associados (Martens, 1987). Os gestos podem ter vários efeitos: podem ser utilizados para

poupar pequenas palavras no discurso, descrever uma forma ou enfatizar um tamanho, podem também ser utilizados para transmitir uma ordem ou ter um significado simbólico poderoso tal como um punho fechado (Thorne, 2005). A mão e o braço são os principais transmissores do gesto, mas os gestos dos pés e da cabeça também são importantes. Estão completamente coordenados com a fala e complementam a comunicação verbal. Tanto podem indicar estimulação emocional em geral, como estados emocionais específicos. O gesto intermitente, enfático, para cima e para baixo, indica frequentemente uma tentativa de domínio, enquanto gestos mais fluidos, contínuos e circulares, indicam um desejo de explicar ou de conquistar simpatia. Além destes gestos indiciais, há um grupo de gestos simbólicos, por vezes insultuosos. Deve-se também referir o tipo icónico de gesto, como o aceno ou a utilização das mãos para descrever a forma ou a direcção. (Fiske, 1990)

O toque é outro poderoso aspecto de comunicação não verbal e pode ser utilizado para aclamar uma determinada pessoa ou para expressar sentimentos de afecto, dependendo da situação. Contudo, este aspecto tem vindo a apresentar um declínio no desporto, essencialmente entre os homens, tornando-se menos aceite socialmente como há anos atrás Weinberg & Gould (2007).

A expressão facial é um dos principais veículos de informação não verbal. Podemos depreender vários elementos apenas pela observação de um rosto: a expressão, o contacto visual e até mesmo as marcas da experiência de vida (Thorne, 2005).

A expressão facial pode dividir-se em sub códigos: posição das sobrancelhas, formato dos olhos, formato da boca e tamanho das narinas. Estes elementos, em diferentes combinações, determinam a expressão do rosto e é possível elaborar uma gramática das suas combinações e significados. Segundo Fiske (1990). Por Weinberg & Gould (2007), a face é a zona do corpo que encerra um maior número de expressividade. O tempo dispendido no contacto visual com a outra pessoa é uma importante forma de comunicar. Sendo que se demonstra particularmente importante, no que respeita à comunicação de afectos, revelando na maior parte dos casos que o receptor está atento e interessado na mensagem do emissor. (Martens, 1987)

Assim no que se refere ao contacto visual (Friske, 1990): a ocasião, frequência e duração de um olhar, são formas de enviar importantes mensagens sobre o relacionamento, especialmente

para mostrar a alguém que desejamos que esse relacionamento seja de domínio ou de aliança. Estabelecer um contacto visual no início ou durante a primeira fase de um acto verbal, indica o desejo de dominar o ouvinte, de o fazer prestar atenção. O contacto visual posterior ou após um acto verbal indica mais uma relação de aliança, um desejo de feedback para ver como reage.

### Proxémica

O grau de proximidade com que nos acercamos de alguém pode transmitir uma mensagem quanto ao relacionamento com essa pessoa. Para Friske (1990), parecem existir características distintas que diferenciam significativamente distâncias diferentes.

Weinberg & Gould (2007), consideram ainda que a proxémica refere-se ao estudo da forma como se usa o espaço entre duas ou mais pessoas e à posição dos corpos uns em relação aos outros, como forma de comunicação. Este aspecto pode trazer algumas barreiras comunicacionais, dado que a proxémica é cultural, pois, enquanto os povos latinos apresentam uma maior proximidade corporal quando comunicam, nos povos Nórdicos esta distância é maior, logo quando temos dois interlocutores de diferentes culturas, algumas questões mais desagradáveis podem-se colocar (Martens, 1987).

Uma questão específica na proxémica é, segundo Friske (1990), o ângulo em que nos colocamos relativamente aos outros, pois emite mensagens sobre o relacionamento. Olhar alguém de frente pode ser indicador de intimidade ou de agressão; colocarmo-nos a 90° em relação a outro indica uma atitude cooperativa.

### Paralinguagem

A Paralinguagem refere-se a todas as componentes vocais do discurso, alheadas do conteúdo do discurso e do significado das palavras, segundo Martens (1987). Assim, Weinberg & Gould (2007) referem-se às características da voz, nomeadamente em relação ao volume, à velocidade, ao tom, ao ritmo e à articulação. Sendo que estes aspectos combinados, podem atraiçoar os verdadeiros sentimentos, humores e atitudes revelando aspectos que podem nunca vir a ser verbalizados.

Resumindo o cúmulo teórico anteriormente referido ao nível do comportamento comunicativo, é possível verificar a relevância do estudo do comportamento não verbal do líder, de forma a compreender a qualidade, e não a quantificação da comunicação. Sendo comum aceitar entre os investigadores, a presença da Cinestesia, Proxémica e Paralinguagem como vectores explicativos da comunicação não verbal (Martens, 1987).

Estes vectores da linguagem não verbal enquadram uma especificidade de categorias, como por exemplo o tom de voz, a linguagem gestual (Martens, 1987) ou o contacto visual que foram objecto de estudo com a grelha de observação ao comportamento comunicacional do treinador (SOCNV).

Em contraste com os estudos sobre comunicação não verbal, têm sido efectuados estudos sistemáticos sobre o conteúdo comunicativo das instruções dos treinadores, (Lombardo, Faraone e Pothier, 1982; Lorenzo, Jiménez e Lorenzo, 2006; Lucas, 1999; Moreno et al.(2005) inclusive, incidindo sobre os factores pedagógicos e/ou educativos (Gilbert et al., 1999; Rupert & Buschner, 1989; Tharp & Gallimore, 1976).

### Modelo Multi-Dimensional de Liderança no Desporto

Merece referência para o estudo em causa, devido à efectividade demonstrada cientificamente e pelo benefício da sua aplicabilidade, nomeadamente nos processos e sistematização de informação que possibilita, abordar a Escala de Liderança Aplicada ao Desporto, ou, como é mais conhecida pelo seu nome originário *Leaderships Sport Scale (LSS)*, desenvolvida por Chelladurai (cit. por Horn, 2002). Esta escala foi desenvolvida com base no Modelo de Chelladurai que conceptualiza a liderança como um processo interaccional, o que quer dizer que a eficácia de um líder no desporto está dependente das características do líder e do próprio grupo. Desta forma, a eficácia do processo de liderança vai depender das características dos atletas e das restrições da situação.

De acordo com o modelo de Chelladurai (1980, cit. por Weinberg & Gould, 2007) a satisfação, a performance e o rendimento de um atleta dependem de três tipos de comportamentos do líder: O requerido, o preferido e o actual. A situação, o próprio líder e por ultimo, as características dos membros do grupo são considerados antecedentes.

A forma como os antecedentes (contexto, características do líder, características dos membros), afectam cada um dos comportamentos do líder (requerido, actual, preferido), clarificam o modelo.

Tendo em conta o modelo, um resultado positivo (ou seja, uma performance óptima e satisfação grupal) verifica-se quando o líder consegue adaptar o seu comportamento actual, com base no comportamento requerido pela situação, e pelo comportamento preferido pelos membros do grupo (Garcia, 2002).

Conclusivamente no que toca ao modelo LSS, Garcia-Mas (2006), considera que este se impôs no paradigma da Psicologia do Desporto das equipas desportivas por muitas razões. Uma delas, considera-se relevante para o estudo, e prende-se com o facto de este se relacionar com o CBAS de Smith, Smoll e Hunt (1977, cit por Garcia-Mas, 2006) permitindo um *zoom* bastante eficaz da realidade de um grupo desportivo. Pois, os dois instrumentos em conjunto permitem aceder aos pontos de vista, do líder e dos liderados através do LSS, e do observador externo, por intermédio do CBAS. Esta possibilidade de interligação, LSS com CBAS, e os princípios de aplicação referidos, considerando que se trata de um modelo amplamente aceite cientificamente, relevam o interesse de considerar mais-valias mútuas entre o LSS, e o estudo da comunicação não verbal, mesmo que não tenha sido periodizado na presente investigação de uma forma directa.

Como vem sendo abordado, vale a pena referir que a observação mais ou menos sistemática dos comportamentos dos treinadores (dentro do paradigma do condicionamento operante) é muito mais habitual e possui uma larga tradição na psicologia do desporto (Claxton, 1988; Cushion & Jones, 2001; Horton, Baker e Deakin, 2005; Lacy & Darst, 1985; Mendes, 1998; Rodrigues & Pina, 1999; Saury & Durand, 1998; Smoll, Smith e Hunt, 1977; Trudel, Coté e Bernard, 1996) e tendo vindo a ser utilizada com o objectivo de categorizar distintos estilos de instrução dos treinadores e, em alguns casos, coloca-os em relação com outros parâmetros, tais como diversos indicadores de rendimento dos desportistas ou de satisfação dos desportistas com o estilo do treinador.

## Sistema de Avaliação do Comportamento do Treinador

O mais utilizado neste momento de forma transcultural e que possui uma trajetória que abarca mais de trinta anos de investigação aplicada, é o *Coach Behavioral Assessment System* – CBAS de Smoll, Smith e Hunt, (1977, cit. por Garcia-Mas, 2006), que foi traduzido para Portugal por Cruz (1984), assumindo a denominação de Sistema de Avaliação do Comportamento do Treinador (SACT). Trata-se de um instrumento de avaliação que se desenvolveu a partir da observação da actuação de treinadores em diferentes desportos (basebol, basquetebol e futebol americano) e que permite a observação directa e codificada da conduta do treinador durante as partidas e treinos. Com o mesmo instrumento, registam-se dois tipos de condutas: reactivas (respostas do treinador a actuações desejáveis ou acertos, erros ou equívocos, e/ou condutas disruptivas de algum jogador); e espontâneas, que são condutas iniciadas pelo treinador, sem antecedentes imediatos ou bem definidos no jogo da equipa. Estas respostas podem estar relacionadas ou não com o jogo (ver Anexo 1).

O CBAS foi utilizado para avaliar a conduta de treinadores de diferentes desportos como o basquetebol, o andebol, o basebol e o futebol (Boixadós & Cruz, 1999; Chaumeton & Duda, 1988; Cruz et al., 1987; Horn, 1985; Mari, 1989; Rejeski, Darracott & Hutslar, 1979; Smith, Smoll e Curtis, 1979; Smith et al., 1983; Wandzilak, Ansoerge e Potter, 1988) demonstrando ser um instrumento útil para registar a maioria das condutas dos treinadores, com uma elevada fiabilidade entre observadores e capaz de detectar diferenças individuais nos padrões de conduta dos treinadores. Assim, com base nas observações efectuadas com o CBAS foram levadas a cabo aplicações para diminuir condutas punitivas dos treinadores (Cruz, 1994); para elaborar e proporcionar guias de treino positivo (Smith et al. 1983); ou para desenhar programas personalizados de intervenção com treinadores (Sousa et al. 2006).

Parece ser claro, portanto, que tanto as componentes verbais, como as componentes comportamentais não verbais (em menor extensão devido à falta de estudos específicos neste sentido) têm algum peso na hora de analisar os processos de aprendizagem e de rendimento das equipas desportivas em relação com os seus treinadores.

Portanto, e em função do anterior, o propósito deste estudo é o de procurar verificar, se existe alguma forma de relação entre a Comunicação Não Verbal e os Comportamentos Instrucionais, assim como, perspectivar estilos distintos derivados do estudo dos treinadores

de futebol, procurando obter informação sobre as componentes relevantes da CNV em conjunto com as observações e aplicações anteriores.

## **MÉTODO**

### **Participantes**

Observaram-se sete treinadores de futebol de competição infantil e juvenil que pertenciam a um Clube de Futebol Espanhol de Formação. A idade dos treinadores variou entre os 24 e os 42 anos, com uma média de 31 anos e desvio-padrão de 5,6 anos. Quanto aos escalões de treino, 3 treinadores eram de jogadores até 14 anos, 1 treinador de 14 a 16 anos, e os outros 3, treinavam jogadores de 16 a 18 anos.

### **Material**

Para o estudo da CNV dos treinadores utilizou-se a grelha de observação directa de condutas não verbais dos treinadores (SOCNV, Garcia-Mas, Castanho e Almeida, 2007), ver Anexo 2. O instrumento contém 11 variáveis e 26 categorias de observação. Utilizou-se ainda, para o registo das categorias instruccionais comportamentais, a versão adaptada e reduzida do CBAS (Smith, Smoll e Hunt, 1977), (Anexo 1).

### **Procedimento**

Obteve-se o consentimento informado de todos os treinadores para levar a cabo a recolha de informação, sem indicar exactamente qual seria o momento em que seria efectuada a observação e registo.

Observou-se cada um dos treinadores em duas ocasiões (total de 14 registos) durante períodos de 10 minutos de tempo. Uma das observações correspondia a um treino e a outra a uma partida de competição. Cada um dos comportamentos observados foi registado nos dois sistemas (SOCNV e CBAS).

O procedimento estatístico iniciou-se com uma análise descritiva univariada de todas as variáveis. A partir dessa análise foi efectuada uma validação das variáveis efectivamente pertinentes para o estudo, acabando por se excluir os indicadores cuja observação se revelou deficiente ou que não discriminavam os indivíduos (neste caso os treinadores em observação). (Anexo 3).

Identificado um conjunto consistente de indicadores pretendeu-se identificar perfis de comunicação não verbal.

Atendendo à natureza categorial das múltiplas variáveis e porque se pretendia explorar as associações entre elas, efectuou-se uma Análise de Correspondências Múltiplas (ACM). A ACM permite traduzir graficamente o espaço multidimensional em análise, na medida em que ao identificar as principais dimensões – eixos estruturantes – desse espaço, viabiliza que se represente a multidimensionalidade através de gráficos cuja interpretação é compatível com a nossa capacidade de leitura (Geer, 1993a; Geer, 1993b; Gifi 1996; Greenacre & Blasius, 2006; Carvalho, 2008). Não obstante, a variabilidade do número máximo de dimensões que é possível definir a partir de cada matriz de “input”, a representação gráfica da complexidade do espaço das relações entre as múltiplas variáveis – designadamente através de planos – é sem dúvida uma das mais-valias dos métodos factoriais nos quais se incluem a Análise de Correspondências Múltiplas. A partir da quantificação óptima, determinada pelo algoritmo da ACM para as categorias das múltiplas variáveis, viabiliza a representação gráfica de dados categorizados. Com a vantagem de que as distâncias entre as quantificações traduzem maior similitude ou diferenciação, permitindo então interpretar as relações entre as variáveis.

A partir da disposição relativa das categorias e preservando a análise relacional, é então possível aferir das associações privilegiadas entre elas e identificar perfis (Geer, 1993a; Geer, 1993b; Gifi 1996; Greenacre & Blasius, 2006; Carvalho, 2008), neste caso, perfis de comunicação não verbal.

Após a definição dos perfis de comunicação não verbal foram-lhes associadas as categorias de CBAS, com o estatuto de variável suplementar, isto é, sem interferir na definição das dimensões. Procedeu-se também à projecção dos treinadores – unidades de análise – com vista a afectar a cada um deles o perfil de comunicação não verbal configurado e explicitado por via da ACM.

## RESULTADOS

No que se refere à aplicação do CBAS, obteve-se valores relevantes principalmente nas categorias do CBAS de Instrução – Geral, Contingente ao Erro e Técnica Punitiva – e no Reforço Específico como se pode ver na Tabela I. As frequências obtidas para cada categoria da variável CBAS, são relevantes, tendo sido considerado como critério na definição dos perfis de CNV, consideradas para cada categoria CBAS, como veremos mais à frente na Tabela V.

**Tabela I – Comportamentos dos Treinadores observados mediante CBAS**

<b>Categorias CBAS</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Reforço Específico	19	14,9
Instrução Contingente ao Erro	27	21,2
Punição	5	3,9
Instrução Técnica Punitiva	16	12,6
Manter Controlo	4	3,1
Instrução Técnica Geral	50	39,4
Reforço Geral	3	2,4
Organização	3	2,4
Não Registos	0	-
TOTAL	127	100,0

Como podemos ver, a conduta reactiva mais frequente dos treinadores é dar Instruções Técnicas Gerais a toda a equipa, seguida pela Instrução Técnica Específica (a jogadores específicos e reactiva perante comportamentos desportivos específicos); o Reforço Específico (conduta reactiva a acções de jogadores individuais bem realizadas), e por último, a Instrução Técnica Punitiva, que é uma instrução específica a jogadores específicos, mas realizada com uma componente punitiva. É de realçar as baixas frequências de condutas destinadas a Organização Geral, Manter o Controlo da Situação, o Reforço Geral e por último a conduta Punitiva.

Na Tabela II, pode observar-se o perfil dos 7 treinadores observados, em função dos estilos instrucionais derivados das observações realizadas com o CBAS. Como podemos ver, todos os treinadores utilizam um estilo Instrutor predominante. O estilo menos utilizado, é o Reforçador em três casos – Treinadores 2, 4 e 5, sendo que, em mais dois casos em igualdade com o Punidor – Treinadores 6 e 7.

**Tabela II – Estilo Instrucional dos Treinadores Estudados (versão reduzida e adaptada do CBAS)**

<b>Treinadores</b>	<b>Reforçador</b>	<b>Instrutor (O, ITE e IG)</b>	<b>Punidor (P, ITP e MC)</b>
Treinador 1	30,0%	70,0%	–
Treinador 2	–	60,0%	40,0%
Treinador 3	30,0%	50,0%	20,0%
Treinador 4	–	66,0%	33,0%
Treinador 5	14,6%	62,5%	22,9%
Treinador 6	25,0%	50,0%	25,0%
Treinador 7	14,3%	71,4%	14,3%

LEGENDA: O – Organização; ITE – Instrução Técnica Contingente ao Erro; IG – Instrução Geral; P – Punição, ITP- Instrução Técnica Punitiva; MC – Manter Controlo

Na Tabela III podem observar-se os registos correspondentes às variáveis de comunicação verbal, utilizados no SOCNV e suas respectivas categorias. Importa referir que Pausa/Silêncios está representada mas não seguiu para estudo. As variáveis Postura Corporal e Incorpora Exercício têm um máximo de registos, até 72 comportamentos possíveis de registo. As restantes variáveis têm um máximo de registos até 127 comportamentos possíveis. Assim, para podermos comparar temos de observar as percentagens, uma vez que algumas variáveis foram introduzidas no decorrer do estudo e assim, têm valores de referência inferiores (Postura Corporal e Incorpora Exercício). Tendo isso em conta, a variável que tem mais percentagem é a Incorpora Exercício (100%), seguida por Postura Corporal (95,8%) e Repetição (92,1%). As que menos apareceram são: Pausa/Silêncio (desistimos de estudá-las) e Organização do Grupo, com uma percentagem de 63%.

**Tabela III – Distribuição das categorias de CNV**

<b>Variáveis</b>	<b>N</b>	<b>(%) sobre total possíveis</b>	<b>Categorias</b>	<b>N</b>	<b>(%) sobre total possíveis</b>
Tom de Voz	112	88,2%	Baixo	0	–
			Médio	23	18,1%
			Alto	89	70,1%
Conjugação Verbal	115	90,6%	“1ª do Singular”	1	0,8%
			“1ª do Plural”	1	0,8%
			“2ª do Singular”	103	81,1%
			“2ª do Plural”	10	7,9%
			Moderado	29	22,8%
Ritmo	110	86,6%	Rápido	81	63,8%
			Sim	11	8,7%
Pede Feedback	87	68,5%	Não	76	59,8%
			Sim	55	43,3%
Repetição	117	92,1%	Não	45	35,4%
			Mais que uma	17	13,4%
			Sim	1	–
Pausa/ Silêncios	12	–	Não	11	–
			Desistência	72	–
			Variável	62	48,8%
			Neutra	16	12,6%
Linguagem Gestual	105	82,7%	Positiva	1	0,8%
			Explicativa	26	20,5%
			Neutra	72	56,7%
			Negativa	26	20,5%
Expressão Facial	101	79,5%	Positiva	3	2,4%
			No há	1	0,8%
			Grupo	53	41,7%
Contacto Visual	93	73,2%	Individual	39	30,7%
			Íntima	2	1,6%
Distância Física	95	74,8%	Pessoal	87	68,5%

Organização do Grupo	80	63,0%	Pública	6	4,7%
			Desordenado	60	47,2%
			Ordenado	20	15,7%
Postura Corporal*	69	95,8%	Relaxado	25	34,2%
			Activo	40	55,6%
Incorpora o Exercício*	72	100,0%	Passivo	4	5,6%
			Sim	1	1,4%
			Não	71	98,6%

\*- Não seguiram para estudo dos Perfis de Comunicação Não Verbal

Em relação às categorias, a interpretação é a mesma que com as variáveis, sendo feita em percentagem. As categorias que têm maior percentagem são: Não de Incorpora Exercício (98,6%), 2ª Pessoa do Plural de Conjugação Verbal (81,1%) e Alto de Tom de Voz (70,1%). As categorias com percentagem menor são: Baixo de Tom de Voz (sem registos) e 1ª Pessoa do Singular e 1ª Pessoa do Plural de Conjugação Verbal, Positiva de Linguagem Gestual e Não de Contacto Visual (todas com 0,8%).

Em síntese, não seguiram para estudo as variáveis, Tom de Voz, Conjugação Verbal, Linguagem Gestual, Expressão Facial, Distância Física e as já referidas Pausa/Silêncios e Incorpora o Exercício (considerou-se uma constante). Permaneceram então em análise, 11 variáveis: Tom de Voz, Conjugação Verbal, Ritmo, Pede Feedback, Repete, Linguagem Gestual, Expressão Facial, Contacto Visual, Distância Física, Organização do Grupo e Postura Corporal (Anexo 3).

Foi com base nestas variáveis que se procedeu à definição de perfis de comunicação não verbal, através da Análise de Correspondências Múltiplas (ACM).

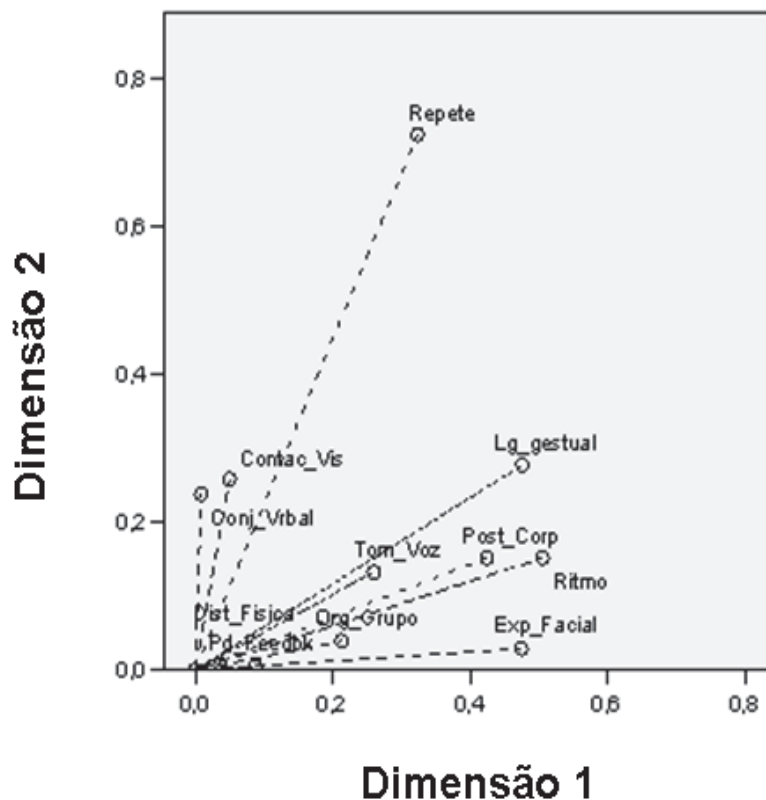
Avançamos a definição do que consiste cada variável comunicacional não verbal estudada. Desta forma, na Tabela IV, podemos observar as várias definições para as variáveis que seguiram para estudo.

**Tabela IV – Definição das diferentes variáveis Não Verbais estudadas**

<b>Variável</b>	<b>Definição</b>
Tom de Voz	Entoação vocal com que é feito o comportamento comunicacional verbal do sujeito
Conjugação Verbal	Pessoa utilizada no comportamento comunicacional verbal com o outro sujeito
Ritmo	Velocidade discursiva no comportamento comunicacional verbal efectuado
Pede Feedback	Se o sujeito, solicita um comportamento comunicacional de resposta a um comportamento comunicacional efectuado
Repetição	Se executa o mesmo comportamento comunicacional seguidamente mais que uma vez
Linguagem Gestual	Se utiliza comportamentos comunicacionais não verbais, nomeadamente com as mãos e/ou pés na transmissão de determinada mensagem
Expressão Facial	Se varia no comportamento comunicacional não verbal facial, utilizado na transmissão de determinada mensagem
Contacto Visual	Se enquanto efectua determinado comportamento comunicacional, olha ou não para um individuo ou grupo
Distância Física	A que distancia do outro sujeito é efectuado determinado comportamento comunicacional
Postura Corporal	Comportamento comunicacional não verbal efectuado com o tronco e/ou ombros e/ou costas e/ou cabeça na transmissão de determinada mensagem
Organização do Grupo	A disposição estabelecida pelas relações de proximidade na organização do grupo no momento em que é efectuado determinado comportamento comunicacional por parte do treinador

Na Figura 1, podemos observar a representação das variáveis da comunicação não verbal nas duas primeiras e mais relevantes dimensões. Na Dimensão 1 discriminam essencialmente as variáveis Ritmo, Expressão Facial, Postura Corporal e Linguagem Gestual. E a Dimensão 2 é sobretudo definida pela variável Repete, e ainda pelas variáveis Contacto Visual e Conjugação Verbal.

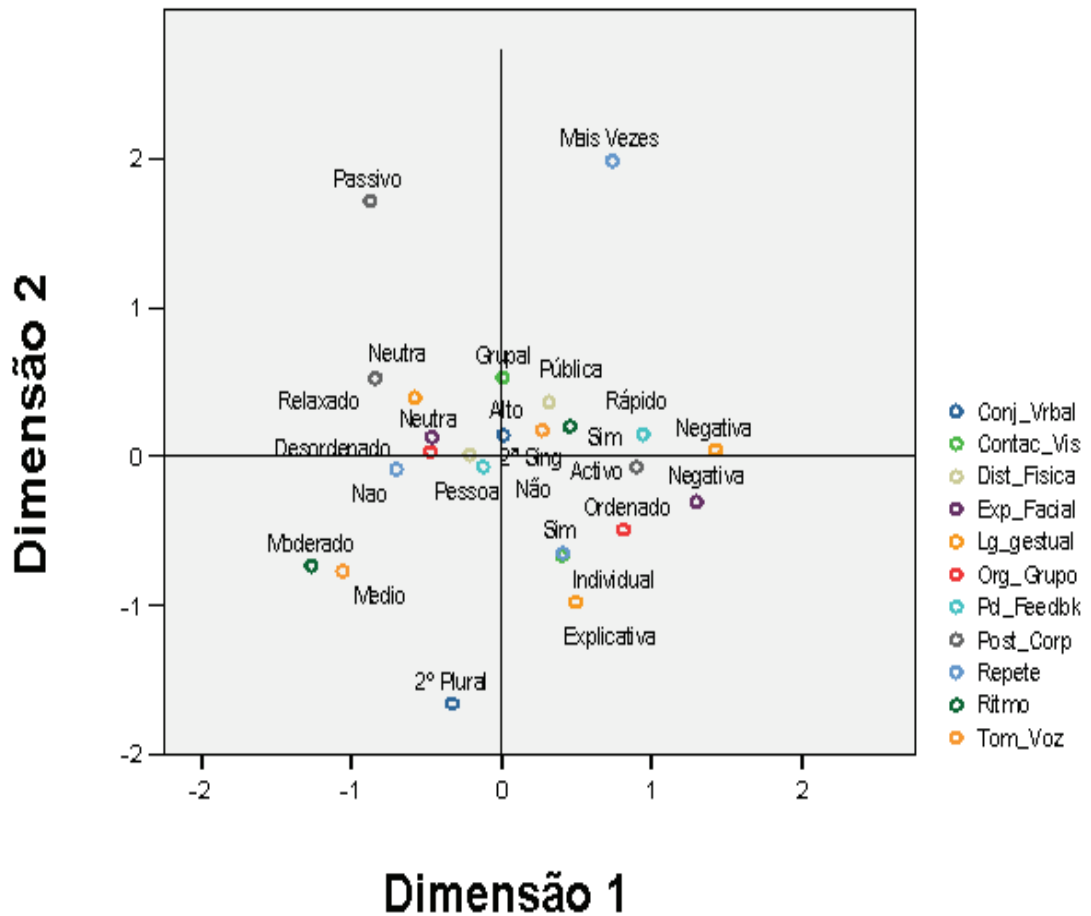
**Figura 1: Disposição das variáveis da Comunicação Não Verbal**



Em função das variáveis que mais discriminam nas duas dimensões retidas, poder-se-á então designar a dimensão 1 por **Cinestesia** e a dimensão 2 por **Paralinguagem**.

Em seguida, procedeu-se ao cruzamento das duas dimensões (Figura 2) com o objectivo de identificar os perfis de comunicação não verbal.

**Figura 2 – Espaço da Comunicação Não Verbal**



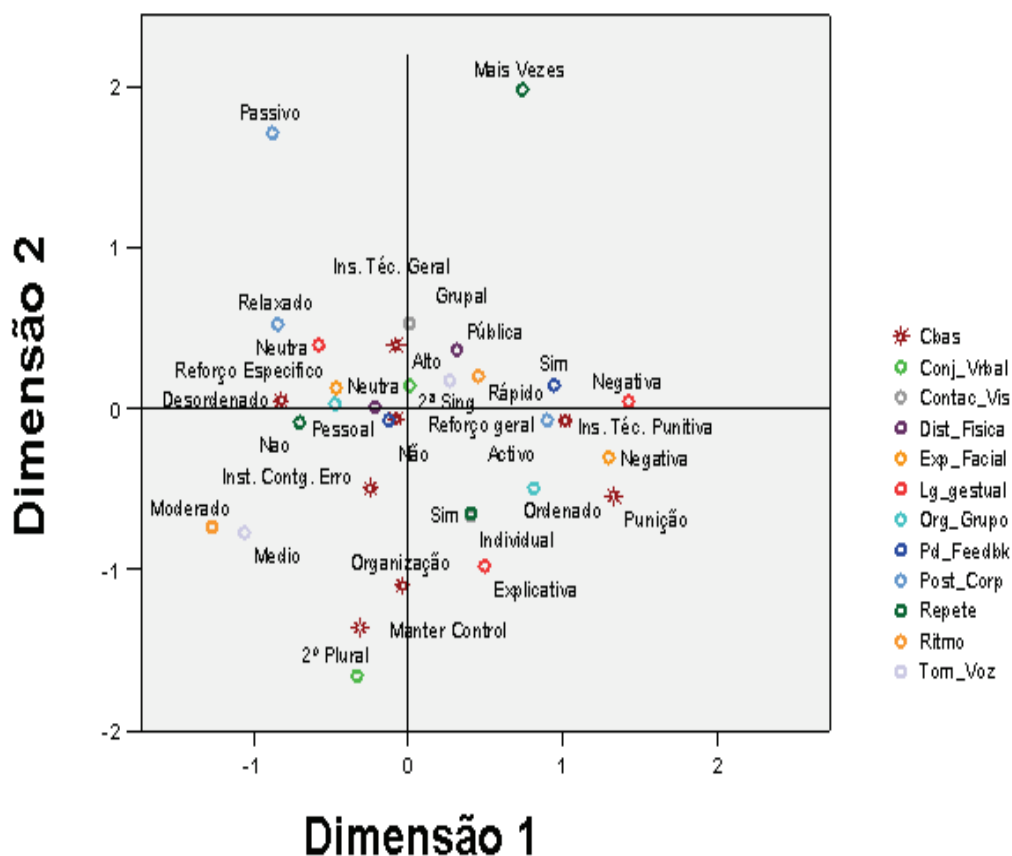
Na análise à figura 2, podemos observar perfis de comunicação não verbal, por cada quadrante. No primeiro quadrante, verifica-se um agrupamento de categorias que remete para um perfil comunicacional do treinador que acontece a uma distância pública em relação aos atletas, com um contacto visual grupoal, utilizando uma linguagem gestual negativa, pedindo feedback a um ritmo rápido, com tom de voz alto na 2ª pessoa do singular.

No segundo quadrante, o perfil comunicacional apresenta, uma linguagem gestual e expressão facial neutras, uma postura corporal relaxada e o grupo desordenado.

No terceiro quadrante podemos observar o grupo composto por ritmo moderado, tom de voz médio e não repete.

No 4º quadrante, é possível identificar a proximidade entre linguagem gestual explicativa, com o grupo ordenado, com expressão facial negativa, contacto visual individual, postura corporal activa e repetindo.

Figura 3 – As categorias CBAS no espaço da Comunicação Não Verbal



Na figura 3, com base na projecção da variável CBAS, é então possível visualizar como estes perfis encontrados se relacionam com as categorias do CBAS. Pretende-se desta forma encontrar relações que possam ajudar a caracterizar a comunicação do treinador. Com a interpretação da variável CBAS, é possível analisar **o que** comunica um treinador (se faz instruções, punições, reforços, etc.), com as categorias não verbais consideradas, pretende-se compreender **como faz** essas comunicações (reforços, instruções ou punições, por exemplo) não verbalmente. Isto é, que comportamentos não verbais explicam o comportamento geral, efectuado pelo treinador.

Aqui importa fazer uma consideração ao processo de projecção da variável CBAS. Esta variável foi considerada passiva na ACM, pois o seu estatuto no estudo era distinto (Carvalho, 2004).

A sua relevância prendeu-se com a relação com os perfis criados pelas variáveis não verbais. Sendo essa relação de interesse específico e como tal considerada, tendo em conta, esse mesmo interesse específico.

Desta forma considerando o perfil comunicacional do treinador, encontrado para o quadrante 1 na figura 3, o mesmo, caracteriza-se por um ritmo rápido, quando o treinador pediu feedback, utilizando uma linguagem gestual negativa e um contacto visual grupal a uma distância pública, com tom de voz alto e verificamos que não se relaciona com nenhuma categoria do CBAS.

Em relação ao segundo quadrante, verificamos um perfil comunicacional do treinador que se caracteriza por o grupo se encontrar desordenado, o treinador apresentar uma expressão facial e linguagem gestual neutra e com uma postura corporal relaxada. Estabelece uma relação de proximidade com a categoria do CBAS, Reforço Específico.

Encontramos ainda outro perfil que se relaciona com a categoria do CBAS, Instrução Técnica Geral, que ocorre na 2ª Pessoa do Singular, com o Tom de Voz Alto a uma Distância Pessoal.

O perfil comunicacional do 3º quadrante, com um tom de voz médio e a um ritmo moderado, relaciona-se relevantemente com a Instrução Contingente ao Erro.

No 4º quadrante o perfil de comunicação não verbal, quando o grupo se encontra ordenado, com um contacto visual individual, com uma linguagem gestual explicativa, uma expressão facial negativa e uma postura corporal activa, com a comunicação repetida, está associado à categoria do CBAS, Punição e Instrução Técnica Punitiva.

As outras variáveis do CBAS não apresentam relações com as categorias não verbais relevantes que, ou se encontram bastante dispersas ou muito próximo do ponto 0, de intersecção dos eixos. São elas, Manter Controlo, Organização e Reforço Geral.

Na Tabela V, podemos então verificar, o anteriormente referido, as relações entre as categorias do CBAS, que se relacionaram com as categorias de Comunicação Não Verbal estudadas.

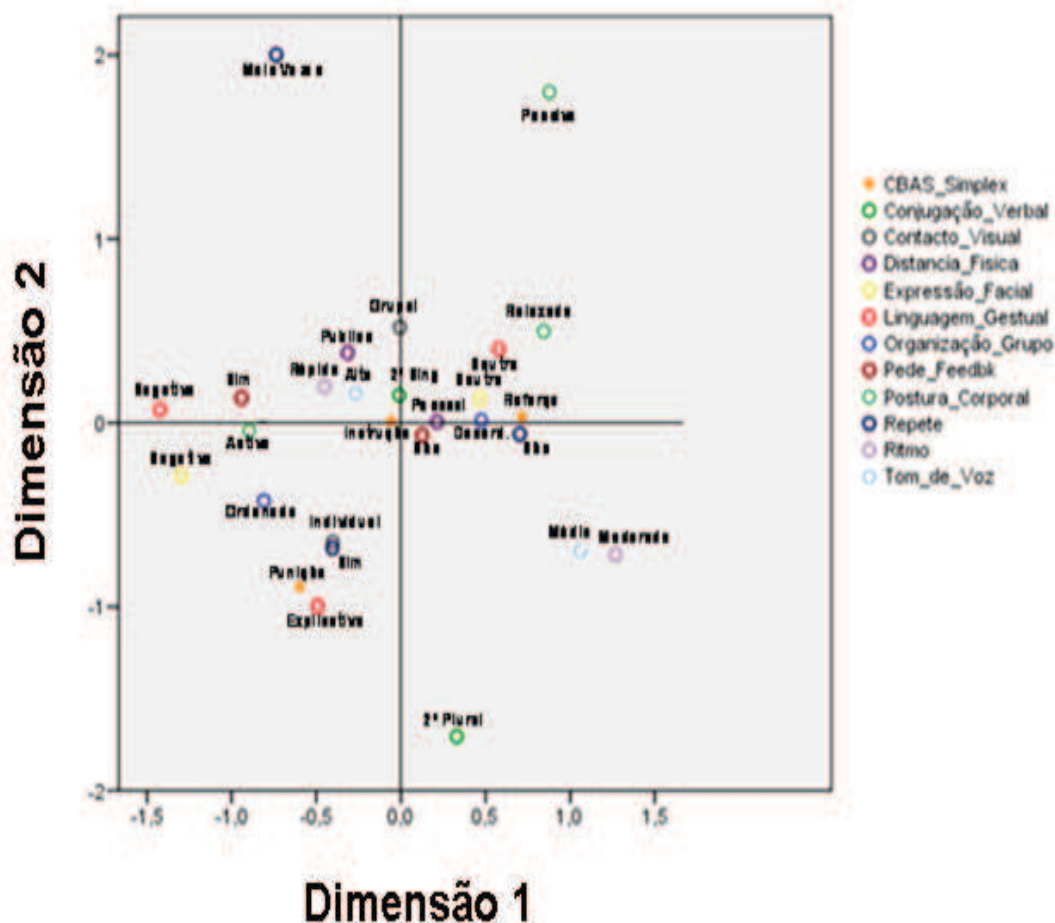
**Tabela V – Relação entre as Categorias Instrucionais do CBAS e as Categorias de CNV do SOCNV**

	<b>RE</b>	<b>IG</b>	<b>ITE</b>	<b>ITP</b>	<b>P</b>
Tom de voz	-	Alto	Médio	–	–
Conjugação Verbal	-	2ª Sing.	-	–	–
Ritmo	-	-	Moderado	–	–
Pede feedback	-	-	–	–	–
Repete	-	-	–	Sim	Sim
Linguagem gestual	Neutra	-	–	Explicativa	Explicativa
Expressão facial	Neutra	-	–	Negativa	Negativa
Contacto visual	-	-	–	Individual	Individual
Distância física	-	Pessoal	–	–	–
Organização Grupo	Desordenado	-	–	Ordenado	Ordenado
Postura corporal	Relaxada	-	–	Activa	Activa

LEGENDA: RE- Reforço Específico; IG- Instrução Geral; ITE- Instrução Técnica Contingente ao Erro; Instrução Técnica Punitiva; P- Punição

Na figura 4, é possível observar uma última análise ao espaço de comunicação não verbal, na relação com as categorias do CBAS. Neste caso, foi efectuada a consideração de 3 macro categorias, definidas a partir de categorias da versão original do CBAS. Assim, a análise apresentada na figura, relaciona as categorias não verbais, com as seguintes categorias compostas de CBAS: Instrução (Organização, Instrução Técnica Contingente ao Erro e Instrução Geral), Reforço (Geral e Específico) e Punição (Punição, Instrução Técnica Punitiva e Manter Controlo).

Figura 4 – As categorias CBAS modificadas no espaço da comunicação não verbal



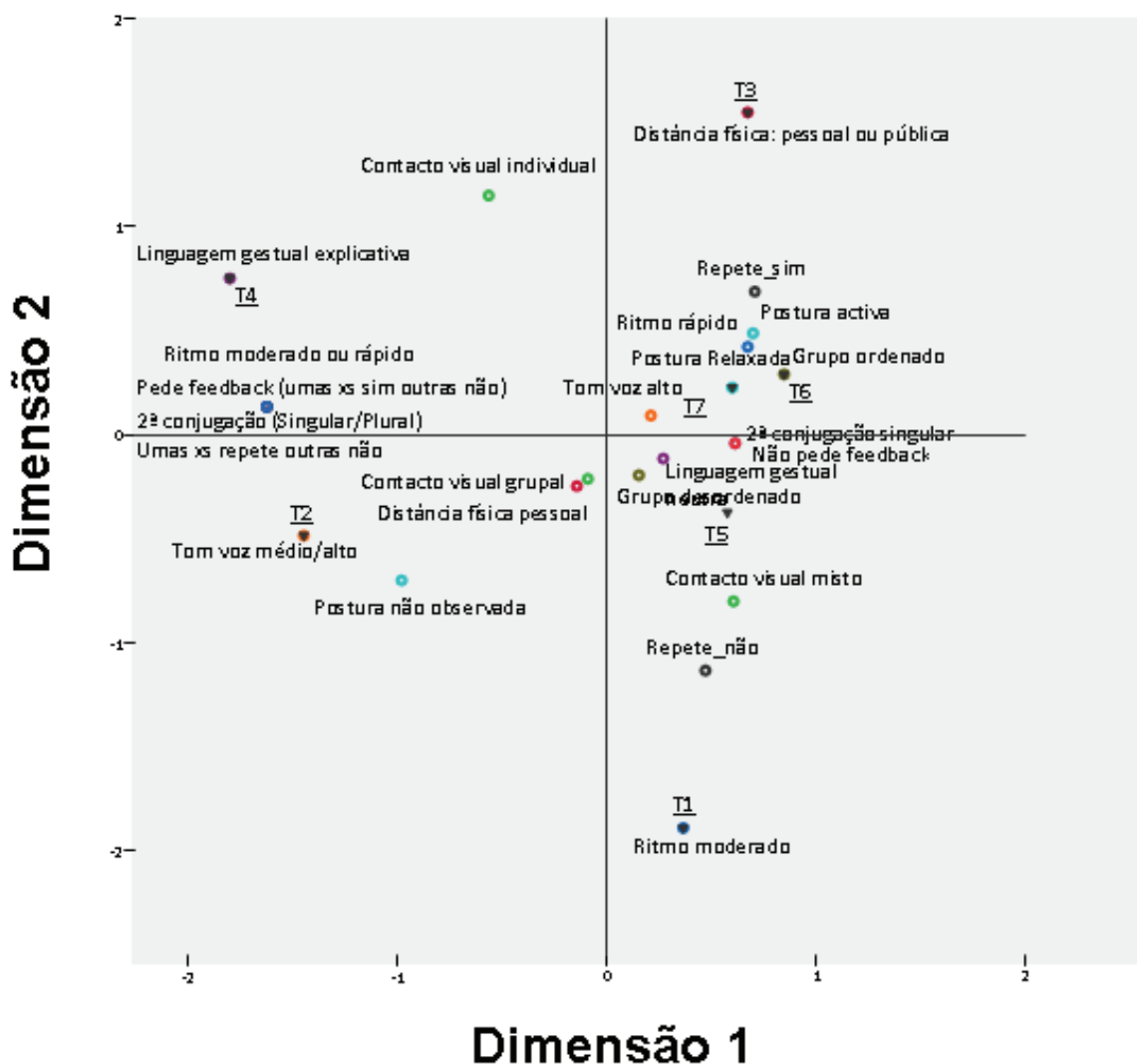
Assim, como podemos observar na figura 4, resultam as seguintes relações: Instrução, Reforço e Punição.

Na representação da categoria composta Instrução, verificamos que a mesma se encontra representada muito próxima da origem e logo, pouco discriminatória. Por isso, consideramos não estarem reunidas condições para a considerar suficientemente pertinente para a relacionarmos com as demais categorias estudadas.

Na representação da categoria composta de Reforço, podemos observar que a mesma se encontra representada sensivelmente na mesma localização que a categoria de reforço específico já estudada, relacionando-se com as categorias de não ocorrência de repetição, com o grupo desordenado, com expressão facial e linguagem gestual neutras.

Por último, na categoria composta de punição ocorre precisamente o mesmo que anteriormente referido para Instrução, sendo que neste caso a categoria composta de CBAS, se encontra localizada, próximo das localizações das categorias dos CBAS, Instrução Punitiva e Punição, onde a linguagem gestual é explicativa, ocorrem repetições, o contacto visual é individual, com o grupo ordenado, a expressão facial é negativa e a postura corporal activa.

**Figura 5 – Perfis de Comunicação Não Verbal (PCNV) dos Treinadores em estudo**



Ao observarmos a figura 5, não traçamos perfis. Estabelecemos sim, relações entre as diferentes categorias de Comunicação Não Verbal e os diferentes Treinadores, estabelecendo perfis individuais de cada treinador ao nível dos comportamentos comunicacionais não verbais. Desta forma, na análise à Tabela V, podemos observar a mesma informação, a qual identifica o Estilo de Comunicação Não Verbal dos Treinadores Estudados.

Assim, na Tabela VI, podemos ver os estilos predominantes em cada um dos sete treinadores estudados, tendo em conta os elementos específicos de CNV registados pelo SOCNV.

**Tabela VI - Estilos de CNV dos Treinadores estudados**

CNV	Treinadores						
	T1	T2	T3	T4	T5	T6	T7
<b>Linguagem Gestual</b>	Neutra	Neutra	Neutra	Exp.	Neutra	Neutra	Neutra
<b>Expressão Facial</b>	Neutra	Neutra	Neutra	Neutra	Neutra	Neutra	Neutra
<b>Postura Corporal</b>	X	X	Act.	x	Act.	Act.	Relax.
<b>Ritmo</b>	Mod.	Mod /Rap.	Ráp.	Mod/ Ráp.	Ráp.	Ráp.	Ráp.
<b>Contacto Visual</b>	Misto	Grupal	Ind.	Ind.	Misto	Grupal	Grupal
<b>Conjugação Verbal</b>	2 <sup>a</sup> Sing.	2 <sup>a</sup> (Indf.)	2 <sup>a</sup> Sing.	2 <sup>a</sup> (Indf.)	2 <sup>a</sup> Sing	2 <sup>a</sup> Sing	2 <sup>a</sup> Sing
<b>Repete</b>	Não	Sim e Não	Sim	Sim e Não	Sim	Não	Sim
<b>Tom Voz</b>	Alto	Méd. /Alto	Alto	Alto	Alto	Alto	Alto
<b>Organização do Grupo</b>	Desord d	Desord.	Desord	Ord.	Ord.	Desord.	Desord.
<b>Distância Física</b>	Pess.	Pess.	Pess. /Púb	Pess.	Pess.	Pess.	Pess.

LEGENDA: Act. – Activa; Relax. – Relaxada; Mod. – Moderada; Rap. – Rápida;

Ind.- Individual; Indf. – Indefinida; Sing. – Singular; Méd. – Médio;

Desord. – Desordenado; Ord. – Ordenado; Pess. – Pessoal; Púb. – Publica

Observando a Tabela VI, podemos ver que a Linguagem Gestual que mais se verificou nos vários perfis individuais de cada treinador, foi a Neutra. A Expressão Facial mais observada foi a Neutra. Na Postura Corporal, a mais observada foi a Activa e no Ritmo, foi o Rápido. Na componente Paralinguística verificamos que o Contacto Visual se reparte em Individual e

Grupal, a partir dos vários treinadores estudados, a Conjugação mais observada foi a 2ª Pessoa do Singular, e em termos de Repetição não está claro, umas vezes Sim outras Não ou Sim ou Não. Ao observamos o Tom de Voz, verificamos que o mais observado foi o alto, e em termos de Organização do Grupo, esteve mais vezes desordenado. Por último, a Distância Física mais verificada foi a Pessoal. Os resultados apresentados, tendo em conta os diferentes treinadores, seguiram os mesmos procedimentos ACM que para as diferentes categorias de CBAS (anteriormente explicados), bem como, os critérios na definição dos perfis de CNV do treinador, que são idênticos aos utilizados na definição de perfis de CNV para as categorias CBAS, anteriormente referidas. No entanto, para que fosse possível efectuar esta análise foi necessário efectuar uma nova ACM, que permitisse codificar os dados referentes aos treinadores, de forma adequada.

## DISCUSSÃO

Importa, começar por salientar o carácter pioneiro do estudo em causa, e a sua pertinência do ponto de vista teórico e prático, ressaltando que o tema da Comunicação Não Verbal, apresenta-se como um campo de investigação e análise inquestionável do nosso ponto de vista, ao qual contudo, não tem sido fácil aceder de forma consistente e profunda como indicia a sua pertinência para a compreensão do fenómeno comunicacional no seu todo. Daqui decorre o principal e fundamental objectivo desta investigação, demonstrar que é possível estudar e mapear as componentes não verbais da comunicação do treinador. Consideramos que o mesmo foi possível alcançar, através da construção e aplicação do SOCNV. Adjacente a este objectivo, consideramos a possibilidade de traçar um perfil de comunicação não verbal (PCNV), e relacioná-lo com um determinado treinador, ou com dados obtidos a partir de outros instrumentos, neste caso, o CBAS, o que foi igualmente possível.

Assim, consideramos que é possível afirmar a pertinência e utilidade na construção da SOCNV, na relação positiva que se estabelece entre os dados recolhidos e a teoria sobre o tema (resultados obtidos na atribuição de dimensões explicativas sobre o estudo) e ainda ao nível dos PCNV resultantes da investigação e sua relação com categorias do CBAS. Consideramos estarem reunidas as primeiras condições para que seja efectuado um investimento no desenvolvimento científico do referido instrumento, no sentido de o tornar relevante para a compreensão e aprofundamento da investigação e conhecimento sobre o marco teórico da comunicação não verbal. Os avanços possíveis de realizar com a utilização do instrumento, podem vir a originar descobertas interessantes e significativas, quer do ponto de vista teórico para o paradigma científico da psicologia do desporto, quer do ponto de vista prático, na intervenção e consecução do papel do Psicólogo do Desporto, podendo o SOCNV, constituir-se como ferramenta do mesmo em contexto desportivo.

No entanto, não podemos deixar de referir e realçar, que apesar de considerarmos que reunimos condições para poder identificar um caminho, uma ferramenta e uma abordagem que permita compreender o papel da comunicação não verbal no processo de comunicação, estamos cientes que o mesmo, não passa apenas de um primeiro passo.

O estudo descrito apresenta várias limitações, na sua investigação e no tratamento de dados, que deverão ser tidas em conta e rectificadas tanto quanto possível, ou pelo menos minimizadas (D'Oliveira, 2005). Este é pois um estudo exploratório, qualitativo, com as condicionantes que o mesmo encerra, e que procura servir de base a futuras investigações

mais profundas e consistentes. Consideramos terem sido alcançados os principais objectivos considerados na investigação, tais como, efectuar um estudo prático, que permitisse observar comunicação não verbal, construção de um instrumento (SOCNV) e sua utilização, substrato prático, os perfis alcançados e a relação dos resultados não verbais, com outro(s) instrumento(s) que, neste caso, avaliassem o comportamento comunicacional dos treinadores (CBAS), como referido

Em termos de limitações ao estudo referir em primeiro lugar que este foi efectuado num contexto cultural diferente do de origem do observador, o que poderá ter influenciado os resultados obtidos. Diferenças ao nível da língua-mãe do observador e dos observados, são um dos pontos importantes nas diferenças de ordem cultural, e que merecem sem dúvida referência. Contudo a integração do observador no clube decorreu de uma forma bastante eficaz, com grande apoio do psicólogo responsável do clube. Este permitiu que o processo de identificação entre os participantes do estudo e o observador decorresse mais eficazmente, tendo o mesmo funcionado como um facilitador do processo. Sendo possível afirmar que contribuiu para o esbater da influência de algumas limitações como as referidas ao nível da cultura, língua e afastamento em relação aos participantes, nomeadamente no que se refere à última, em que o seu papel foi de grande relevo.

Outra limitação considerada relevante foi a limitação de tempo (o estudo decorreu em 4 meses de observação, o que se revelou pouco tempo), para a execução do estudo. Nomeadamente no que concerne ao recolher de amostra, esta limitação afectou sem dúvida, a recolha de mais comportamentos que poderiam aumentar a amostra e torná-la mais significativa. No entanto e apesar dessas limitações em relação à parte prática da observação, a construção do instrumento foi efectuada com grande investimento por parte do observador, tendo sido privilegiada a qualidade do mesmo (efectuando várias observações livres) em detrimento de uma maior amostra que pudesse acarretar um instrumento mais limitado.

No que se refere ao processo de observação propriamente dito, com utilização do instrumento, houve factores que também influenciaram a aplicação do mesmo, como por exemplo, os ângulos de observação, a proximidade ao treinador ou a anteriormente referida diferença no que toca à língua materna. Tais limitações poderão de alguma forma ter contribuído para influenciar os resultados pois nem sempre os ângulos de observação, a distância física entre

observador e treinador foram óptimas, para lá de alguma incompreensão em relação a termos muito específicos da língua espanhola nomeadamente no contexto do futebol e seu referencial cultural próprio, ao qual o observador procurou aproximar mas, em 4 meses (período de observação), revelou-se manifestamente insuficiente para colmatar de uma forma totalmente eficaz essas diferenças culturais específicas.

Um outro aspecto importante foi a impossibilidade de utilizar câmara de filmar para efectuar as observações. Uma vez que o estudo em causa, procurou compreender o comportamento geral comunicacional, verbal pontuado com o CBAS e avaliação no mesmo comportamento, nas suas componentes não verbais, decorre daqui uma grande dificuldade de conseguir bons planos ao nível da filmagem. No decorrer do processo de construção ainda foi ensaiada esta possibilidade, mas revelou-se manifestamente difícil cobrir todo o raio de acção do treinador, com a filmagem e depois pontuar o comportamento verbal e não verbal em conjunto. A maior dificuldade prendeu-se com o facto de não conseguir registar em simultâneo, o que o treinador dizia nos comportamentos comunicacionais, e o registo, dos comportamentos não verbais do treinador. As imagens ou revelavam-se limitadas a nível de ângulos e perspectivas, não capturando todos os comportamentos não verbais do técnico, ou por limitações sonoras da filmagem, não se conseguindo compreender o que era dito pelo treinador.

Por último, importa referir as limitações do instrumento no que respeita à validade e fidelidade. Antes de fazer referência às mesmas, importa reforçar que este foi um estudo exploratório e como tal procurando, trazer para discussão novos horizontes que podem sempre, ser testados posteriormente com maior rigor psico-métrico. Posto isto, importa referir que teria sido muito importante ter, pelo menos, outro observador. Tal seria uma forma de melhorar a fidelidade do estudo.

Na construção do instrumento (SOCNV) no estudo das várias categorias das variáveis estudadas, foram consideradas 25 categorias activas, das 11 variáveis que transitaram posteriormente para a ACM. De um total de 32 categorias possíveis nas 11 variáveis, 7 não foram consideradas, pois revelaram valores de frequência e percentagem muito baixos.

O valor considerado de referência para a selecção de outliers, foi terem valores percentuais inferiores a 3%. Isto deveu-se ao facto de estes valores irem influenciar negativamente a

projecção e interpretação dos planos na ACM (Carvalho, 2004). Se tivessem sido considerados, possivelmente iriam ter valores mais altos de coordenadas, levando a uma aglomeração das outras categorias, dificultando uma correcta interpretação.

Na definição de dimensões (procedimento essencial na ACM) que caracterizam o espaço de análise estudado, e ponto-chave na análise aos resultados tendo em conta a sua relação com a teoria, verificamos o quão interessante é termos encontrado uma relação, apesar de subjectiva e interpretativa, entre os constructos teóricos sobre a temática, Cinestesia e Paralinguagem referidos por Weinberg & Gould (2007), com os resultados obtidos. Ainda para mais, quando a construção da grelha foi de índole indutiva, partindo claramente do trabalho de campo efectuado. Este parece ser um indicador do potencial do instrumento.

Em termos de resultados obtidos, verificou-se que as variáveis se associaram da seguinte forma, nas 2 dimensões: na dimensão 1, as variáveis Ritmo, Expressão Facial, Linguagem Gestual e Postura Corporal (4 variáveis) foram as que a mais caracterizaram o que coincide com os comportamentos referenciados por Martens (1987), para uma das componentes teóricas da comunicação não verbal, a Cinestesia.

Em relação à dimensão 2, esta foi explicada principalmente pela variável Repete, depois pela Contacto Visual e Conjugação Verbal (3 variáveis), pois a outra variável relevante na análise Linguagem Gestual já se encontra explicada na dimensão 1. Considerando a teoria em relação às variáveis, verificamos que a variável repete, e a variável conjugação verbal estão contidas dentro da Paralinguagem, segundo Weinberg & Gould (2007), uma vez que se referem à articulação do discurso. Contudo, em relação a estas mesmas variáveis, este enquadramento teórico não é totalmente pacífico, uma vez que Martens (1987) considera Paralinguagem como, componentes vocais do discurso, alheadas do significado das palavras, e não foi encontrada na revisão bibliográfica efectuada, uma referência concreta ao enquadramento concreto destes aspectos da comunicação.

Por último referir como foram identificados perfis de CNV. A sua definição teve por base, a identificação da relação estabelecida entre as categorias CBAS e categorias CNV. Para tal

como é possível observar na apresentação dos resultados, em primeiro lugar definimos Perfis e/ou agrupamentos de categorias, com os quais posteriormente, após estudo das categorias do CBAS estabelecemos uma relação. Assim, categorias como Manter Controlo, Reforço Geral, Organização e Instrução Técnica Geral não foram relacionadas tendo em conta a sua localização gráfica, conjugada com a interpretação efectuada. Continuámos o estudo da categoria Punição tendo em conta a pertinência que a mesma adquire do ponto de vista teórico, assumindo as limitações inerentes a esta opção, no que se refere a esta categoria em específico, e também, a todas as outras categorias CNV que foram estudadas apesar de apresentarem frequências baixas. Constatámos que apesar de estar definido um perfil comunicacional não verbal no primeiro quadrante, o mesmo não se relacionou com nenhuma categoria CBAS. O mesmo poderá ter que ver com várias limitações já referidas em termos de recolha de dados.

Em termos das relações que se podem observar entre categorias CBAS e categorias não verbais, pudemos observar, que o reforço normalmente decorre com uma postura corporal relaxada, a um ritmo moderado, com uma linguagem gestual e expressão facial neutra, quando o grupo se encontra desordenado. Como não temos outros estudos de referência que abordem esta temática, sugerimos algumas suposições que poderão ser interessantes. Será provável que este reforço, possa não estar a ser efectivo não verbalmente, uma vez que é efectuado com um impacto moderado em termos de postura corporal, expressão facial e linguagem gestual. Talvez o uso de gestos positivos, expressões faciais como o sorriso e uma postura corporal positiva, possam aumentar o impacto do reforço, não verbalmente.

A instrução geral ocorre na segunda pessoa do singular, com tom de voz alto e a uma distância pessoal. Se tivermos em conta que os treinadores estarão próximos dos sujeitos devido à distância considerada, talvez, não seja necessário um tom de voz alto, para transmitir informação, grupal ou individualmente.

A instrução contingente ao erro ocorre a um ritmo moderado com um tom de voz médio. Apesar de considerarmos que seria benéfico, terem-se estabelecido mais relações de proximidade com outras categorias não verbais, nomeadamente nestes dois casos, consideramos que eventualmente, após um erro, seria mais efectivo não verbalmente, o ritmo

ser rápido e o tom de voz alto, para clarificar a instrução perante o erro, e captar a atenção do atleta.

Por último, as Punições e Instruções Técnicas Punitivas ocorrem com repetição, com uma linguagem gestual explicativa, com expressão facial negativa, postura corporal activa e com contacto visual individual quando o grupo está ordenado. Extrapolando, estamos genericamente de acordo com a relação encontrada. Talvez se deva considerar, que se ocorre repetição na punição ou Instrução Técnica Punitiva, seria pelo menos de esperar que acontecesse o mesmo quando são efectuados reforços.

No que toca aos resultados obtidos para os treinadores, vemos que os seus estilos comunicacionais adquirem características específicas de CNV, bem como, podemos observar os seus estilos instrucionais a partir da nossa versão do CBAS. Futuramente, dentro desta linha, poderemos apresentar, um perfil profundo de um treinador, em termos de instrução e de componentes não verbais associadas às instruções dadas pelo treinador.

Apesar de considerarmos esta possibilidade, a verdade é que não conseguimos – como já referido – um padrão único de CNV nem tão pouco conseguimos identificar características de CNV associadas directa e especificamente a algumas das categorias do CBAS e/ou treinador, devido às características do estudo. Referir ainda que os resultados apresentados foram obtidos a partir da análise e estudo de todos os treinadores do estudo em conjunto, o que poderá ter gerado alguma incongruência nestes perfis de comunicação não verbal apresentados e na relação com o CBAS, pois, é natural que cada treinador aplique comportamentos não verbais distintos em situações idênticas, como são o reforço, a instrução ou a punição, o que influencia naturalmente os resultados finais.

Em relação a futuras implicações, considera-se relevante o estudo das qualidades métricas da grelha, fidelidade e validade, através de replicações e utilização de mais observadores, reunindo uma maior amostra. Aumentar a amostra para um número muito mais substancial de comportamentos, para que as variáveis e categorias em estudo pudessem ter, nos dois casos, mais frequências registadas. Verificamos por exemplo, que na relação do SOCNV com o CBAS, os dados recolhidos considerando todas as suas categorias, foram insuficientes.

O SOCNV carece de replicação e consideração dos dados encontrados em relação às variáveis não verbais. A melhor definição das mesmas é também um caminho a seguir.

Outra possibilidade será construir um questionário, sobre a percepção que o treinador teve dos seus comportamentos não verbais durante o período de observação, juntamente com outro entregue aos atletas e desta forma procurar relacionar com os resultados obtidos pelo observador, com o intuito de perceber se realmente a grelha avalia o que pretende.

Para além do estudo de consistência do instrumento, ao nível das relações possíveis de serem estabelecidas entre SOCNV (e estudo da CNV) e outros marcos teóricos, consideramos prioritário aprofundar mais ainda a relação avançada no seguinte estudo com o CBAS. Estamos cientes que esta linha de investigação integrando os dois instrumentos, trará benefícios mútuos e bidireccionais, na compreensão sobre as categorias CBAS (Instrução, Reforço e Punição, por exemplo) e as categorias CNV, estudadas no SOCNV. O estudo conjunto e integrado dos dois instrumentos, indicia-nos a possibilidade de que se verificam ganhos para o paradigma científico, para além, de mais-valias em processos de intervenção conduzidos em contexto desportivo, onde a complementaridade dos mesmos poderá ser interessante, numa lógica semelhante ao defendido por Garcia-Más (2006), anteriormente referido, na relação CBAS com LSS. Em seguida, exploraremos também, a possível relação SOCNV com o LSS, e benefícios da mesma.

Desta forma, tomando como ponto de partida este estudo de relação entre SOCNV e as categorias do CBAS, seria também interessante relacionar o SOCNV, com o LSS, de Chelladurai (1980) de forma a procurar caracterizar os seus estilos, cruzando-os com os perfis não verbais, que possam estar inerentes. A utilização dos mesmos princípios de aplicação do LSS, estilo requerido, actual e/ou preferido, Chelladurai (1980, cit. por. Weinberg & Gould, 2007), na utilização do SOCNV. Consideramos ser igualmente bastante interessante, nomeadamente a utilização do SOCNV, como ferramenta do Psicólogo do Desporto na intervenção no terreno.

A partir da aplicação do SOCNV, poderá ser possível intervir sobre o processo comunicacional em si mesmo, tomando como exemplo o caso do treinador, onde a aplicação

do (SOCNV) pode tornar visível para o mesmo, limitações, incongruências ou falhas em que incorre, no seu discurso com o atleta/equipa, do ponto de vista da CNV, permitindo alinhar o discurso verbal, com a componente não verbal do mesmo, incidindo sobre uma das maiores problemáticas do processo comunicacional referido por Pina & Cunha et al. (2004), a inconsistência entre a mensagem verbal e a mensagem não verbal. A pertinência desta aplicabilidade está também consubstanciada nas ideias referidas de Crocker 1990; Kenow & Williams 1992 (cit. por Horn, 2002) que referem a importância do comportamento não verbal associado à percepção de competência e satisfação do treinador, ou de Nick & Smallman (cit. por Bainbridge, 2006) que referem que o processamento da comunicação decorre ao nível do inconsciente, nomeadamente a nível não verbal, ou por Thorne (2005) e Weinberg & Gould (2007) que se referem a estudos e autores que indiciam que a comunicação frente-a-frente é substancialmente processada não verbalmente.

Considerando as afirmações anteriormente referidas por Fiske (1990), a transmissão de signos e códigos referidos pelo autor onde subjaz o referencial cultural dos inter-locutores é considerada por nós como relevante, ao nível do comportamento não verbal. No alinhamento comportamental e comunicacional entre dois indivíduos colocamos o cenário de estar interligado com os referenciais culturais de origem e sua especificidade, nomeadamente do contexto desportivo em causa, neste caso o futebol. O estudo conduzido, poderá não despertar tanto interesse à primeira vista, mas se considerarmos, que em clubes de maior dimensão, muitas das vezes os atletas são recrutados de outras zonas do país ou mesmo de outros países (escalões formativos), esse reajuste cultural e comunicacional é susceptível de acontecer e muito relevante, nomeadamente no desempenho desportivo, estabelecendo relação, por exemplo, com a coordenação comunicativa referida por Eccles & Tenenbaum (2004). O mesmo acontece considerando uma equipa de índole profissional, é corrente actualmente, observarmos que os planteis, contêm atletas de várias nacionalidades e naturalmente com origens culturais e referenciais comunicacionais distintas. Na nossa óptica, este ponto levanta várias questões e perspectivas que passamos a considerar. A adequação do atleta aos códigos e signos referidos por Fiske (1990), relativos ao seio da sua equipa, e ao papel que o indivíduo desempenha enquanto atleta dessa equipa. Neste cenário poderemos ter um ajuste ou desajuste do atleta, perante esses mesmos códigos ou signos, passíveis de ser observados através da CNV. Por outro lado a um nível mais macro não deveremos esquecer que um indivíduo não é apenas e só atleta, e que o mesmo deverá estar minimamente identificado com os enlances culturais do contexto extra desportivo que o acolhe. Neste caso o ajuste ou desajuste deverão

ser tidos em conta. O seu comportamento não verbal pode igualmente ser decisivo nesse despiste. Assim partindo do pressuposto especulativo avançado por nós, é susceptível considerar que a componente não verbal da comunicação poderá desempenhar um papel de relevo na compreensão da acomodação cultural de determinado atleta a determinado contexto. Estudos que atestem estas suposições, e que confirmem ou infirmem estas possibilidades poderão ser importantes para melhor adequar processos de integração de atletas em novos contextos desportivos e/ou rentabilizar a informação não verbal relevante, e o seu papel na compreensão do fenómeno humano e desportivo.

Extrapolando um pouco mais sobre a compreensão teórica do impacto da comunicação não verbal, tendo em conta o modelo comunicacional proposto por Crespo & Balaguer (1994), e os seus princípios regentes, consideramos que a CNV, poderá deter um papel bastante relevante na compreensão da eficácia com que determinado processo comunicacional poderá ocorrer. Servindo o comportamento não verbal do sujeito para confirmar (provavelmente através da redundância gerada entre a componente não verbal e verbal, verificando congruência e alinhamento) ou infirmar incongruências ao nível do emissor, mensagem e/ou receptor.

Outra análise sugerida é a optimização do SOCNV, considerando o benefício de traçar uma forma coerente e rigorosa, o perfil de comunicação não verbal do treinador. Poderemos definir a partir do instrumento, o perfil de CNV do treinador que trabalha com jovens ou adultos, o do treinador direccionado para trabalhar no alto rendimento ou na formação, o treinador segundo o momento/situação em que está a comunicar, ou o treinador segundo cada desporto e as particularidades do mesmo, nomeadamente, tendo em conta as barreiras comunicacionais específicas do mesmo. Perceber ainda, se existe algum padrão de comunicação não verbal de excelência, em treinadores de reconhecido sucesso pode ser igualmente uma alternativa.

No estudo da comunicação, e do contributo da componente não verbal da mesma, podemos ainda considerar o enquadramento não verbal do feedback e sua relação com as variáveis não verbais, em vez de colocá-lo a caracterizar os perfis. Outra hipótese, o estudo dos comportamentos não verbais presentes, em processos de escuta activa. Ou como anteriormente já foi dado perceber, em conjunto com outros instrumentos que caracterizem processos de liderança. Poder-se-á associar determinado perfil de liderança com os PCNV resultante da

aplicação do SOCNV para os casos da liderança: formal, informal, orientação para a tarefa e orientação para a relação.

Outra valência relevante, que poderá decorrer deste estudo, é a compreensão e efectividade que determinado comportamento não verbal, ou perfil não verbal, poderá significar em termos emocionais. Esta relação é sem dúvida alguma, um ponto emergente na actualidade, do que é a investigação em psicologia do desporto, sendo reforçada por Crespo & Balaguer (1994) que referem a importância das emoções no momento da comunicação, o qual consideramos que com o aprofundar do estudo da CNV, possa revelar-se um complemento, na linha de investigação dos processos emocionais.

Consideramos de facto, e este estudo serve esse propósito, que são inúmeras as mais-valias de continuar a estudar a CNV e o SOCNV, que poderão ser responsáveis por progressos e descobertas relevantes no marco teórico da comunicação e não só, partindo das possíveis relações que se podem estabelecer a partir de uma melhor compreensão da CNV. Estes consideram-se ser motivos de interesse, com pertinência actual.

Para finalizar, como anteriormente referido, consideramos ser necessário efectuar mais estudos para poder indicar a generalização destas descobertas, apesar de, consideramos positivo, ter conseguido a capacidade de registar operacionalmente os elementos de CNV nas instruções de “campo” dos treinadores, e ter estabelecido um sistema que nos permita relacionar com os estilos e categorias instrucionais do CBAS (tendo o máximo cuidado possível, teórica e metodologicamente), sendo este o maior feito deste trabalho preliminar, exploratório e empírico. Pensa-se ter contribuído, para uma melhor compreensão da componente não verbal do comportamento comunicacional do treinador de futebol, indicando como primeiro passo a seguir, o aperfeiçoamento do instrumento para posteriores relações mais eficazes, com concepções teóricas relevantes do domínio da psicologia do desporto.

## Referências Bibliográficas

- Alzate, R.; Lázaro, I.; Ramírez, A. e Valencia, J. (1997). Análisis del impacto del estilo de comunicación del entrenador en el desarrollo de la cohesión grupal, la eficacia grupal y la satisfacción. *Revista de Psicología del Deporte*, 12, 7-25.
- Burke, K.L. (2005). But coach doesn't understand: Dealing with team communication quagmires. Em M. Andersen (Ed.), *Sport Psychology in practice*. (pp. 45-59). Champaign, IL: Human Kinetics.
- Carron, A.V. (1982). Cohesiveness in sports group: implications and considerations. *Journal of Sport Psychology*, 4, 123-138.
- Carvalho, H (2001). Análise de Homogeneidade (HOMALS) - Quantificação Óptima e Múltipla de Dados Qualitativos. Em Manuel, A.F., Menezes, R. e Cardoso, M. (2ed.), *Métodos Quantitativos*, Lisboa: Edições Sílabo
- Carvalho, H (2008). *Análise Multivariada de dados Qualitativos; Utilização da Análise de Correspondências Múltiplas com o SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- D'Oliveira, T., (2005). Teses e Dissertações – recomendações para a elaboração e estruturação de trabalhos científicos. Lisboa: RH Editora.
- Eccles, D.W. & Tenenbaum, G. (2004). Why an expert team is more than a team of experts: a social cognitive conceptualization of team coordination and communication in sport. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 26, 4, 85-89.
- Fiske, J. (1990). *Introdução ao estudo da comunicação* (6ªEd.). Lisboa: Asa Editores
- Garcia, G., (2002). El liderazgo en el deporte: definición y teorías generales. In A. O. Zafra, E. G. F. Ruiz & G. N. García (Coord.), *Manual de Psicología del deporte*. (165-180). Murcia: Diego Marín.
- Garcia-Mas, A. (2001). Cooperación y competición en equipos deportivos: un estudio preliminar. *Análise Psicológica*, 19, 1, 115-130.
- Garcia-Mas, A.; Castanho, G. e Almeida. P. (2007) A comunicação não verbal do treinador de futebol e sua relação com o CBAS. Em *Conferencia Internacional Psicologia do Desporto e Exercício*. Braga: Universidade do Minho

- Garcia-Mas, A.; Olmedilla, A.; Rivas, C.; Morilla, M.; Garcia-Quinteiro, E. e Ortega, E. (2006). Un nuevo modelo de cooperación deportiva y su evaluación mediante un cuestionario. *Psicothema*, 18, 3, 425-432.
- Garcia-Mas, A.; Olmedilla, A.; Ortega, E.; Almeida, P.; Lameiras, J.; Sousa, C. e Cruz, J. (2008, en prensa). Cooperation and Cohesion in competitive soccer teams. *International Journal of Hispanic Psychology*.
- Geer, Van de 1993a. *Multivariate Analysis of Categorical Data: Theory*. London Sage Publications.
- Geer, Van de 1993b. *Multivariate Analysis of Categorical Data: Applications*. London Sage Publications.
- Blasius, J. and Greenacre, M. (2006). Correspondence Analysis and Related Methods in Practice. In Greenacre, M. and Blasius, J. editors, *Multiple Correspondence Analysis and Related Methods*, pp.3-40. London, Academic Press.
- Gilbert, W.; Trudel, P.; Gaumont, S. e Larocque, L. (1999). Development and application of an instrument to analyze pedagogical content interventions of ice hockey coaches. *Sociology of Sport On-line*, 2, 2. <http://physed.otago.ac.nz/sosol/v2i2/v2i2a2.htm>
- Gilmore, S.K. & Fraleigh, P.W. (1993). *Style Profile for Communication at Work*. Eugene, OR: Friendly Press.
- Horn, T. (2002). Coaching effectiveness in the sport domain. In T. Horn (Ed.), *Advances in sport Psychology* (pp.309-354). Champaign IL: Human Kinetics.
- Huertas, E. (1985). El papel de la conciencia en el condicionamiento clásico humano de respuestas autonómicas. *Revista de Psicología General y Aplicada*, 40, 473-484.
- Lombardo, B.J.; Faraone, N. e Pothier, D. (1982). The behavior of youth sport coaches: a preliminary analysis. Em M. Piéron & J. Cheffers (Eds.). *Studying the teaching in physical education*. (pp. 189-196). Lieja: AIESEP.
- Lorenzo, J.; Jiménez, S. e Lorenzo, A. (2006). Análisis del discurso del entrenador. Estudio de un caso aplicado al baloncesto. *Kronos*, 5, 10, 1-17.
- Lucas, J. (1999). Observación de la conducta verbal de un entrenador de baloncesto. En Anguera M.T. (Ed.) *Observación en el deporte y conducta cinestésico-motriz: Aplicaciones* (pp. 200-219). Barcelona: Ediciones Universidad de Barcelona.

- Martens, R. (1987). Science, Knowledge and Sports Psychology. *The Sport Psychologist*, 1, 29-55.
- Mendes, S. (1998). Observação e análise do comportamento do treinador em futebol. *Horizonte*, 15, 85, 31-39.
- Moreno, M.P.; Santos, S.J.; Ramos, L.A.; Cervelló, E.; Iglesias, D. & Del Villar, F. (2005). The efficacy of verbal behaviour of Volleyball coaches during competition. *Motricidad*, 13, 55-69.
- Pina e Cunha, M., Rego, A., Campos e Cunha, R. & Cabral-Cardoso, C.(2004). *Manual de Comportamento Organizacional e Gestão* (3ªEd.). Lisboa: Editora Rh
- Quintillan, G. (1992). El comportamiento no verbal de entrenamiento: comparación entre expertos y novatos. Em *Actas del Congreso Científico Olímpico. Pedagogía y Educación Comparada. Deporte y Documentación* (Volumen III, Nº 24, pp. 355-359). Málaga: Instituto Andaluz del Deporte.
- Rodrigues, J. & Pina, R. (1999). Análise da instrução na competição em voleibol. Em *Pedagogia do desporto. Estudos 6* (pp. 45-53). Lisboa: FMH-UTL.
- Rupert, T. & Buschner, C. (1989). Teaching and Coaching: a comparison of instructional behaviors. *Journal of Teaching in Physical Education*, 9, 49-57.
- Schachter, D.L.; Delaney, S.M. e Merikle, E.P. (1990). Priming of nonverbal information and the nature of implicit memory. Em G.H. Bower (ed.), *The Psychology of Learning and Motivation: Advances in research and Theory* (Vol. 26). Nueva York: Academic Press.
- Schneider, E. & Schiffrin, R.M. (1977). Controlled and automatic human information processing: detection, search and attention. *Psychological Review*, 84, 1-66.
- Smoll, F. L., Smith, R. E., Curtis, B., e Hunt, E. (1978). Toward a mediational model of coach-player relationships. *Research Quarterly*, 49 (4), 528-541.
- Sy, T. & Cotê, S. (2005). The contagious leader: impact of the leader's mood on the mood of the group members, group affective tone, and group processes. *Journal of Applied Psychology*, 90, 2, 295-305.
- Staats, C.K. & Staats, A.W. (1957). Meaning established by classical conditioning. *Journal of Experimental Psychology*, 54, 74-80.

Tharp, R.C. e Gallimore, R. (1976). What a coach can teach a teacher. *Psychology Today*, 9, 75-78.

Thorne, P. (2005). The secret codes of the silent language. *European Business Forum*, 20 (74-76)

Trudel, P.; Cotê, J. e Bernard, D. (1996). Systematic observation of youth ice hockey coaches during games. *Journal of Sport Behavior*, 9, 50-65.

Weinberg, R. e Gould, D. (2007). *Foundations of Sport and Exercise Psychology*. (pp. 232-234). Champaign, IL: Human Kinetics.

## **ANEXOS**

## **ANEXO A**

### **Categorias de observação adaptadas do CBAS**

## Condutas Reactivas

### *Respostas a comportamentos desejáveis*

Reforço (R)

Não Reforço (NR)

### *Respostas aos erros*

Ânimo ao erro (AE)

Instrução Técnica ao Erro (ITE)

Punição, castigo (P)

Instrução Técnica Punitiva (ITP= ITE+P)

Ignorar Erro (IE)

### *Respostas a comportamentos disruptivos*

Manter o Controlo (MC)

## Condutas Espontâneas

### *Relacionadas com a Competição/Treino*

Instrução Técnica General (ITG)

Ânimo General (AG)

Organização (O)

### *Irrelevantes para a Competição/Treino*

Comunicação general (CG)

**ANEXO B**

**Grelha de Registo de Comunicação Não Verbal - SOCNV**

### **Dimensão Cinestésica**

<b><i>Variáveis</i></b>	<b><i>Categorias</i></b>
Linguagem Gestual	Neutra (Net.), Negativa (Neg.), Positiva (Pos.) e Explicativa (Exp.)
Expressão Facial	Neutra (Net.), Negativa (Neg.), Positiva (Pos.)
Corporal	Relaxado (Relax.), Activo (Act.) e Passivo (Pass.)
Ritmo	Moderado (Mod.) e Rápido (Rap.)

### **Dimensão Paralinguística**

<b><i>Variáveis</i></b>	<b><i>Categorias</i></b>
Conjugação ( 2ª Indf.)	1ª Singular., 1ª Plural, 2ª Singular, 2ª Plural e 2ª Indefinido
Repetição	Sim, Não e Mais Vezes
Contacto Visual	Grupal (Grp.), Individual (Ind.) e Não Existe

### **Dimensão Proxémica**

<b><i>Variáveis</i></b>	<b><i>Categorias</i></b>
Tom de Voz	Alto, Médio (Méd.) e Baixo (Bx.)
Distância Física	Íntima (Ínt.), Pessoal (Pess.) e Pública (Púb.)
Organização Grupo	Desordenado (Desord.) e Ordenado (Ord.)

## **ANEXO C**

### **Variáveis e Categorias que transitaram para estudo após Análise Descritiva**

Variáveis	Categorias	Transitou	Nãotransitou
Tom de Voz	Baixo		X
	Médio	X	
	Alto	X	
Conjugação Verbal	“1ª do Singular”		X
	“1ª do Plural”		X
	“2ª do Singular”	X	
	“2ª do Plural”	X	
Ritmo	Moderado	X	
	Rápido	X	
Pede Feedback	Sim	X	
	Não	X	
Repete	Sim	X	
	Não	X	
	Mais que uma	X	
Pausa/Silêncios	Sim		X
	Não		X
Linguagem Gestual	Neutra	X	
	Negativa	X	
	Positiva		X
	Explicativa	X	
Expressão Facial	Neutra	X	
	Positiva		X
	Explicativa	X	
Contacto Visual	Não Existe	X	
	Grupal	X	
	Individual	X	
Distância Física	Íntima		X
	Pessoal	X	
	Física	X	
Organização do Grupo	Desordenado	X	
	Ordenado	X	
Postura Corporal	Relaxado	X	
	Activo	X	
	Passivo	X	
Incorpora no Exercício	Sim		X
	Não		X

**ANEXO D**  
**Output da Análise Descritiva**

## Multiple Correspondence

[DataSet1] C:\Documents and Settings\Gonçalo\Os meus documentos\escola\monografia\Análise Estatística\analyse\_monografia\_prof.helena.sav

### Credit

Multiple Correspondence Version 1.0 by Data Theory Scaling System Group (DTSS) Faculty of Social and Behavioral Sciences Leiden University, The Netherlands
--

### Case Processing Summary

Valid Active Cases	38
Active Cases with Missing Values	89
Supplementary Cases	0
Total	127
Cases Used in Analysis	127

## Descriptive Statistics

### Tom\_Voz

		Frequency
Valid	Medio	23
	Alto <sup>a</sup>	93
	Total	116
Missing <sup>b</sup>	System	11
	Total	11
Total		127

a. Mode.

b. Strategy for missing values: Exclude values.

### Conj\_Vrbal

		Frequency
Valid	2º Plural	10
	1ª Plural	1
	2ª Sing <sup>a</sup>	103
	1ª Sing	1
	Total	115
Missing <sup>b</sup>	System	12
	Total	12
Total		127

a. Mode.

b. Strategy for missing values: Exclude values.

### Ritmo

		Frequency
Valid	Moderado	29
	Rápido <sup>a</sup>	81
	Total	110
Missing <sup>b</sup>	System	17
	Total	17
Total		127

a. Mode.

b. Strategy for missing values: Exclude values.

### Pd\_Feedbk

		Frequency
Valid	Não <sup>a</sup>	76
	Sim	11
	Total	87
Missing <sup>b</sup>	System	40
	Total	40
Total		127

a. Mode.

b. Strategy for missing values: Exclude values.

### Repete

		Frequency
Valid	Mais Vezes	17
	Sim <sup>a</sup>	55
	Nao	45
	Total	117
Missing <sup>b</sup>	System	10
	Total	10
Total		127

a. Mode.

b. Strategy for missing values: Exclude values.

### Pausa\_Silen

		Frequency
Valid	Nao	11
	Sim	1
	Desistência da Variável	72
	Total	84
Missing <sup>b</sup>	System	43
	Total	43
Total		127

a. Mode.

b. Strategy for missing values: Exclude values.

### Lg\_gestual

		Frequency
Valid	Neutra <sup>a</sup>	62
	Negativa	16
	Positiva	1
	Explicativa	26
	Total	105
Missing <sup>b</sup>	System	22
	Total	22
Total		127

a. Mode.

b. Strategy for missing values: Exclude values.

### Exp\_Facial

		Frequency
Valid	Neutra <sup>a</sup>	72
	Negativa	26
	Positiva	3
	Total	101
Missing <sup>b</sup>	System	26
	Total	26
Total		127

a. Mode.

b. Strategy for missing values: Exclude values.

### Contac\_Vis

		Frequency
Valid	Nao Existe	1
	Grupa <sup>a</sup>	53
	Individual	39
	Total	93
Missing <sup>b</sup>	System	34
	Total	34
Total		127

a. Mode.

b. Strategy for missing values: Exclude values.

### Dist\_Fisica

		Frequency
Valid	Intima	2
	Pessoal <sup>a</sup>	87
	Pública	6
	Total	95
Missing <sup>b</sup>	System	32
	Total	32
Total		127

a. Mode.

b. Strategy for missing values: Exclude values.

### Org\_Grupo

		Frequency
Valid	Desordenado <sup>a</sup>	60
	Ordenado	20
	Total	80
Missing <sup>b</sup>	System	47
	Total	47
Total		127

a. Mode.

b. Strategy for missing values: Exclude values.

### Post\_Corp

		Frequency
Valid	Relaxado	25
	Activo	40
	Passivo	4
	Não Existência de Variável <sup>a</sup>	55
	Total	124
Missing <sup>b</sup>	System	3
	Total	3
Total		127

a. Mode.

b. Strategy for missing values: Exclude values.

### Incorpor\_Ex

		Frequency
Valid	Não <sup>a</sup>	71
	Sim	1
Não Existência de Variável		55
Total		127

a. Mode.

**Cbas**

	Frequency
Valid	
Reforço Especifico	19
Inst. Contg. Erro	27
Punição	5
Ins. Téc. Punitiva	16
Manter Control	4
Ins. Téc. Gera	50
Reforço geral	3
Organização	3
Total	127

a. Mode.

**ANEXO E**  
**Outputs da Análise ACM**

## Multiple Correspondence

[DataSet1] C:\Helena\Temp\Gonçalo\base de dados para ACM ja corrigida.sav

### Warnings

A case(s) has only missing data on the active variables, all to be treated as passive. The case(s) is handled as a supplementary object(s).  
The requested number of dimensions is too large with respect to either the number of active objects or to the number of categories of the active variables. The number of dimensions to be computed has been set to the maximum (24).

### Credit

Multiple Correspondence  
Version 1.0  
by  
Data Theory Scaling System Group (DTSS)  
Faculty of Social and Behavioral Sciences  
Leiden University, The Netherlands

### Case Processing Summary

Valid Active Cases	31
Active Cases with Missing Values	94
Supplementary Cases	2
Total	127
Cases Used in Analysis	125

### Iteration History

Iteration Number	Variance Accounted For		Loss
	Total	Increase	
3 <sup>a</sup>	,834572	,000000	10,165428

- a. The iteration process stopped because the convergence test value was reached.

## Discrimination Measures

## Multiple Correspondence

[DataSet1] C:\Helena\Temp\Gonçalo\base de dados para ACM ja corrigida.sav

### Warnings

A case(s) has only missing data on the active variables, all to be treated as passive. The case(s) is handled as a supplementary object(s).

### Credit

Multiple Correspondence Version 1.0 by Data Theory Scaling System Group (DTSS) Faculty of Social and Behavioral Sciences Leiden University, The Netherlands
--

### Case Processing Summary

Valid Active Cases	31
Active Cases with Missing Values	94
Supplementary Cases	2
Total	127
Cases Used in Analysis	125

### Iteration History

Iteration Number	Variance Accounted For		Loss
	Total	Increase	
17 <sup>a</sup>	2,108175	,000010	8,891825

a. The iteration process stopped because the convergence test value was reached.

### Model Summary

Dimension	Cronbach's Alpha	Variance Accounted For	
		Total (Eigenvalue)	Inertia
1	,715	2,860	,260
2	,552	2,008	,183
3	,521	1,899	,173
4	,440	1,666	,151
Total		8,433	,767
Mean	,578 <sup>a</sup>	2,108	,192

a. Mean Cronbach's Alpha is based on the mean Eigenvalue.

### Discrimination Measures

### Multiple Correspondence

[DataSet1] C:\Helena\Temp\Gonçalo\base de dados para ACM ja corrigida.sav

### Warnings

A case(s) has only missing data on the active variables, all to be treated as passive  
The case(s) is handled as a supplementary object(s).

### Credit

Multiple Correspondence  
Version 1.0  
by  
Data Theory Scaling System Group (DTSS)  
Faculty of Social and Behavioral Sciences  
Leiden University, The Netherlands

### Case Processing Summary

Valid Active Cases	31
Active Cases with Missing Values	94
Supplementary Cases	2
Total	127
Cases Used in Analysis	125

### Iteration History

Iteration Number	Variance Accounted For		Loss
	Total	Increase	
37 <sup>a</sup>	2,255658	,000010	8,744342

a. The iteration process stopped because the convergence test value was reached.

### Model Summary

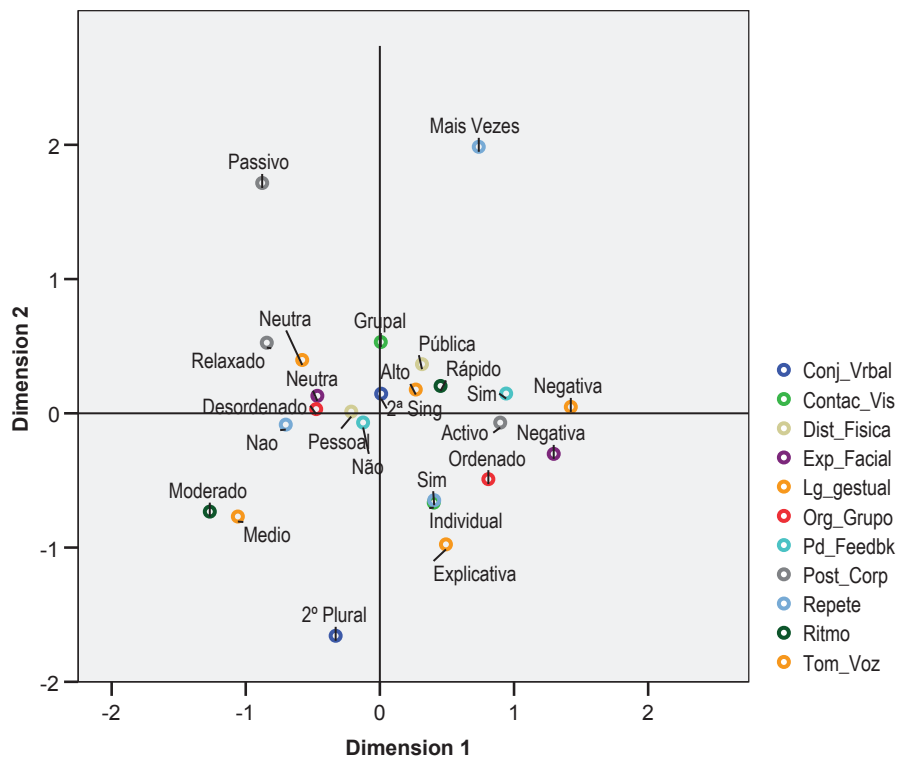
Dimension	Cronbach's Alpha	Variance Accounted For	
		Total (Eigenvalue)	Inertia
1	,715	2,860	,260
2	,552	2,008	,183
3	,521	1,899	,173
Total		6,767	,615
Mean	,612 <sup>a</sup>	2,256	,205

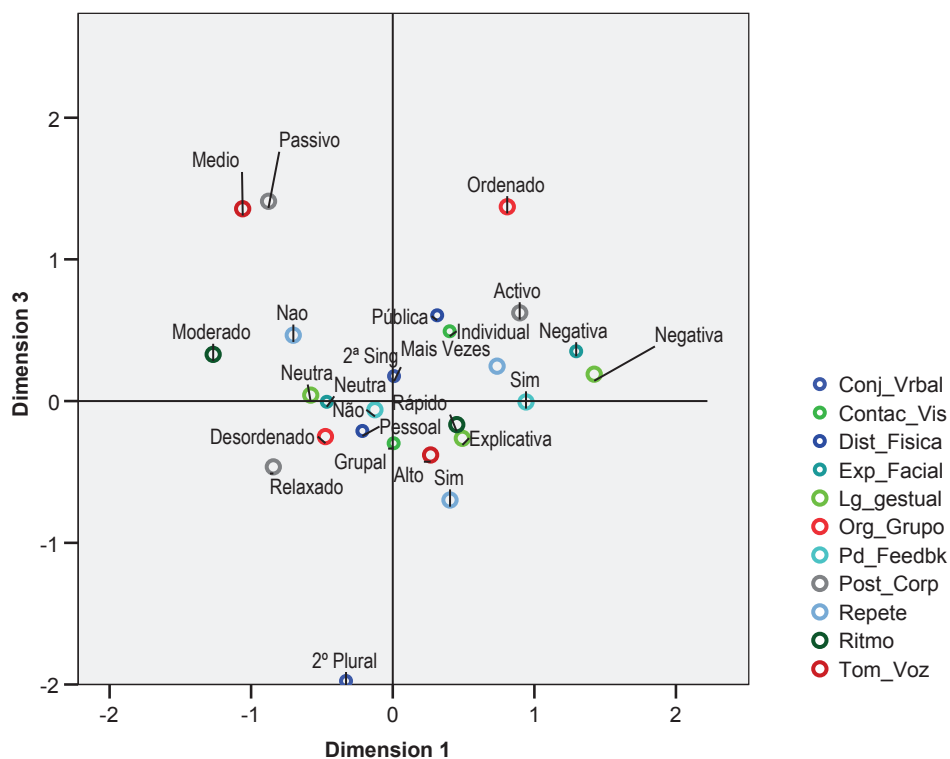
a. Mean Cronbach's Alpha is based on the mean Eigenvalue.

## Quantifications

## Plot

## Category Points

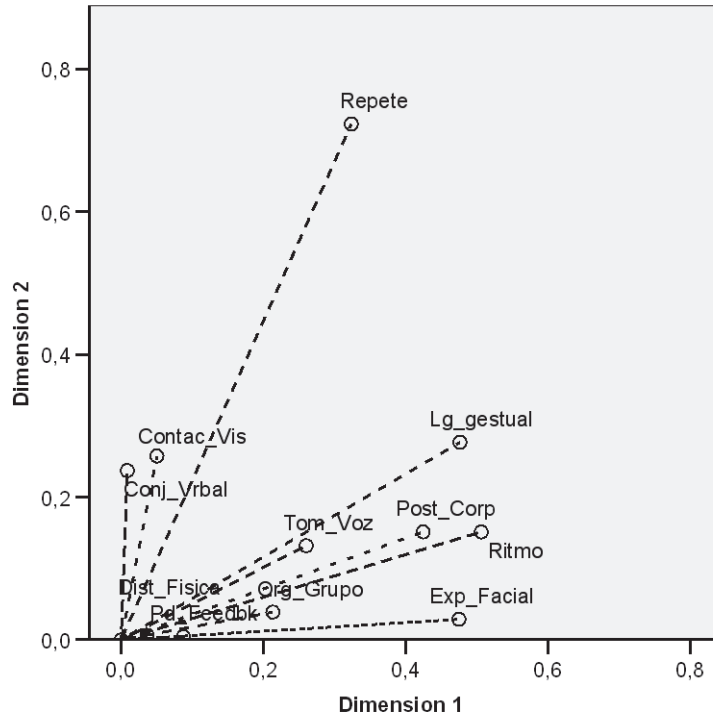


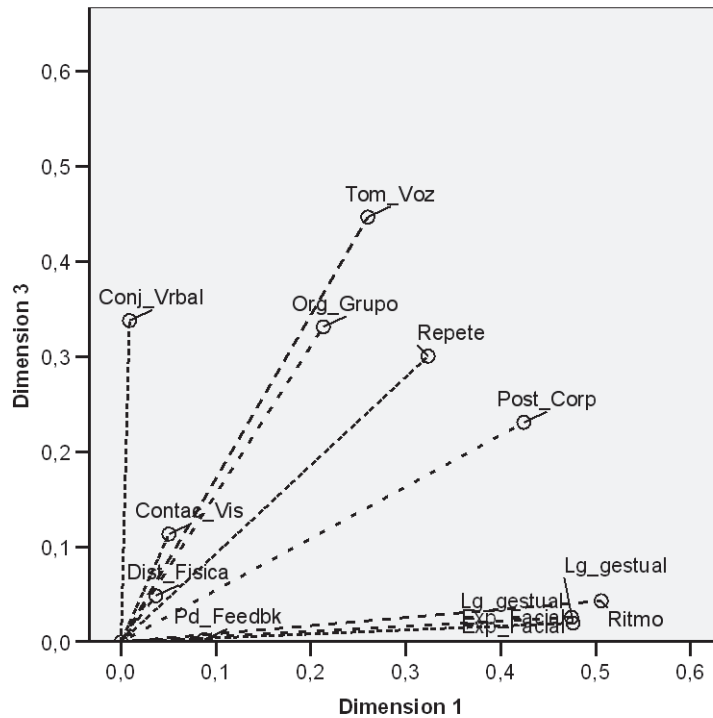


### Discrimination Measures

**Discrimination Measures**

	Dimension			Mean
	1	2	3	
Tom_Voz	,260	,132	,447	,279
Conj_Vrbal	,009	,237	,338	,195
Ritmo	,506	,151	,043	,233
Pd_Feedbk	,088	,005	,002	,032
Repete	,323	,723	,300	,449
Lg_gestual	,476	,277	,020	,258
Exp_Facial	,474	,029	,026	,176
Contac_Vis	,050	,258	,113	,140
Dist_Fisica	,037	,007	,048	,031
Org_Grupo	,213	,039	,331	,194
Post_Corp	,424	,151	,231	,269
Active Total	2,860	2,008	1,899	2,256





## Multiple Correspondence

[Dataset1] C:\Helena\Temp\Gonçalo\base de dados para ACM ja corrigida.sav

### Warnings

A case(s) has only missing data on the active variables, all to be treated as passive  
The case(s) is handled as a supplementary object(s).

### Credit

Multiple Correspondence  
Version 1.0  
by  
Data Theory Scaling System Group (DTSS)  
Faculty of Social and Behavioral Sciences  
Leiden University, The Netherlands

### Case Processing Summary

Valid Active Cases	31
Active Cases with Missing Values	94
Supplementary Cases	2
Total	127
Cases Used in Analysis	125

### Iteration History

Iteration Number	Variance Accounted For		Loss
	Total	Increase	
37 <sup>a</sup>	2,255658	,000010	8,744342

a. The iteration process stopped because the convergence test value was reached.

### Model Summary

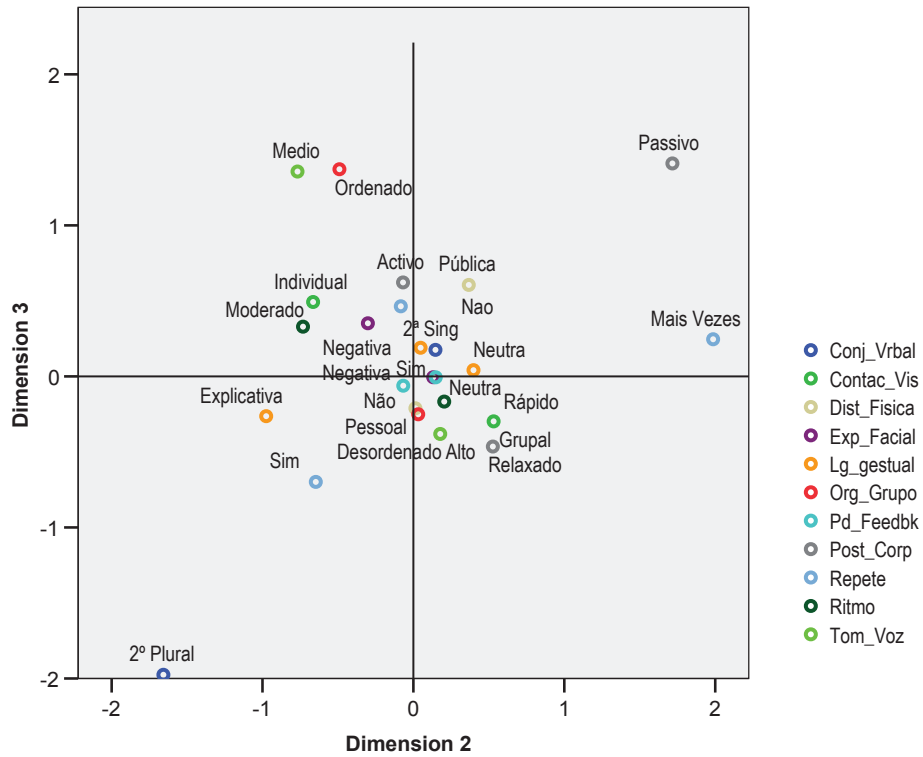
Dimension	Cronbach's Alpha	Variance Accounted For	
		Total (Eigenvalue)	Inertia
1	,715	2,860	,260
2	,552	2,008	,183
3	,521	1,899	,173
Total		6,767	,615
Mean	,612 <sup>a</sup>	2,256	,205

a. Mean Cronbach's Alpha is based on the mean Eigenvalue.

**Quantifications**

**Plot**

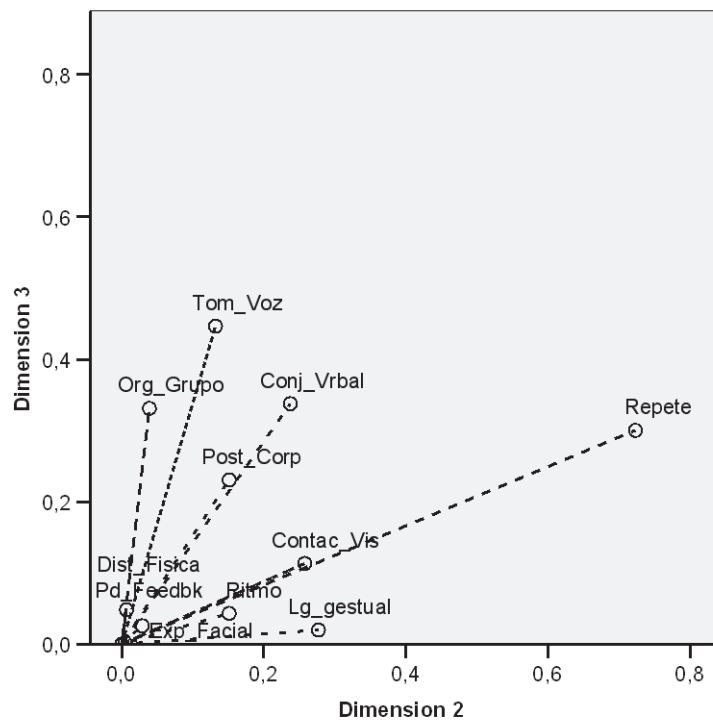
**Category Points**



### Discrimination Measures

**Discrimination Measures**

	Dimension			Mean
	1	2	3	
Tom_Voz	,260	,132	,447	,279
Conj_Vrbal	,009	,237	,338	,195
Ritmo	,506	,151	,043	,233
Pd_Feedbk	,088	,005	,002	,032
Repete	,323	,723	,300	,449
Lg_gestual	,476	,277	,020	,258
Exp_Facial	,474	,029	,026	,176
Contac_Vis	,050	,258	,113	,140
Dist_Fisica	,037	,007	,048	,031
Org_Grupo	,213	,039	,331	,194
Post_Corp	,424	,151	,231	,269
Active Total	2,860	2,008	1,899	2,256



## Multiple Correspondence

[DataSet1] C:\Helena\Temp\Gonçalo\base de dados para ACM ja corrigida.sav

### Warnings

A case(s) has only missing data on the active variables, all to be treated as passive  
The case(s) is handled as a supplementary object(s).

### Credit

Multiple Correspondence  
Version 1.0  
by  
Data Theory Scaling System Group (DTSS)  
Faculty of Social and Behavioral Sciences  
Leiden University, The Netherlands

### Case Processing Summary

Valid Active Cases	31
Active Cases with Missing Values	94
Supplementary Cases	2
Total	127
Cases Used in Analysis	125

### Iteration History

Iteration Number	Variance Accounted For		Loss
	Total	Increase	
37 <sup>a</sup>	2,255658	,000010	8,744342

a. The iteration process stopped because the convergence test value was reached.

### Model Summary

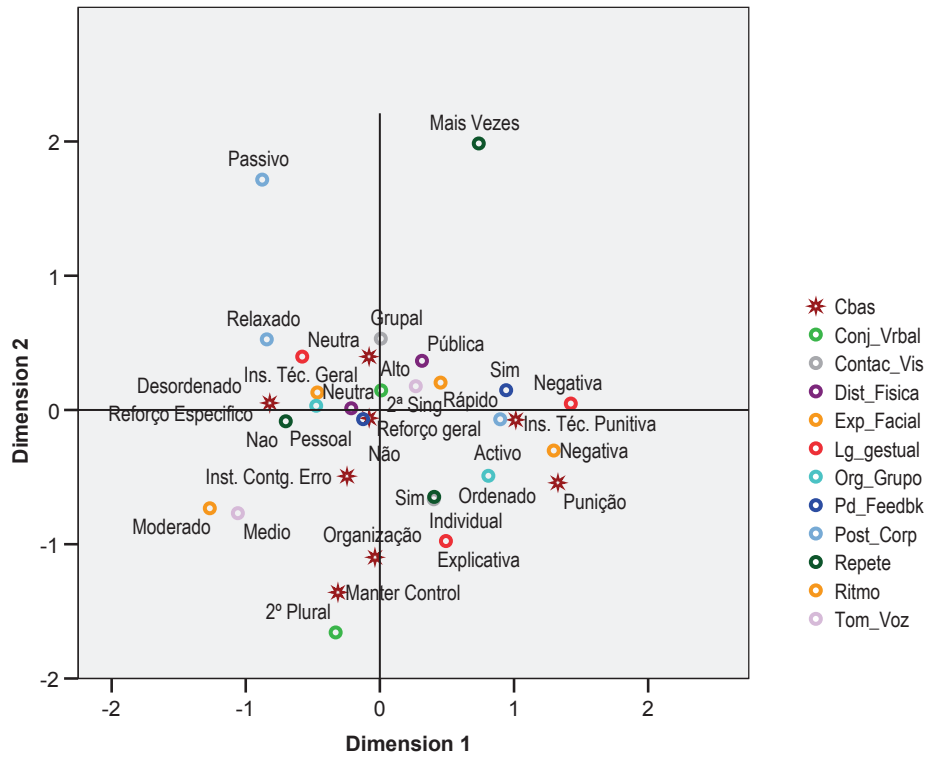
Dimension	Cronbach's Alpha	Variance Accounted For	
		Total (Eigenvalue)	Inertia
1	,715	2,860	,260
2	,552	2,008	,183
3	,521	1,899	,173
Total		6,767	,615
Mean	,612 <sup>a</sup>	2,256	,205

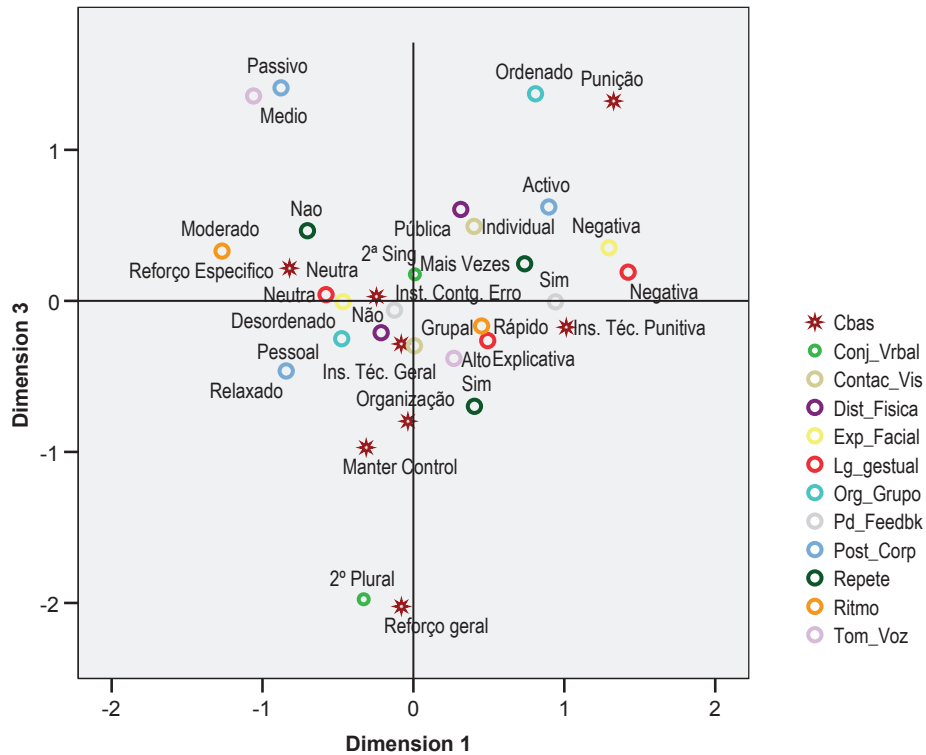
a. Mean Cronbach's Alpha is based on the mean Eigenvalue.

**Quantifications**

**Plot**

**Category Points**





## Multiple Correspondence

[Dataset1] C:\Helena\Temp\Gonçalo\base de dados para ACM ja corrigida.sav

### Warnings

A case(s) has only missing data on the active variables, all to be treated as passive  
The case(s) is handled as a supplementary object(s).

### Credit

Multiple Correspondence  
Version 1.0  
by  
Data Theory Scaling System Group (DTSS)  
Faculty of Social and Behavioral Sciences  
Leiden University, The Netherlands

### Case Processing Summary

Valid Active Cases	31
Active Cases with Missing Values	94
Supplementary Cases	2
Total	127
Cases Used in Analysis	125

### Iteration History

Iteration Number	Variance Accounted For		Loss
	Total	Increase	
37 <sup>a</sup>	2,255658	,000010	8,744342

a. The iteration process stopped because the convergence test value was reached.

### Model Summary

Dimension	Cronbach's Alpha	Variance Accounted For	
		Total (Eigenvalue)	Inertia
1	,715	2,860	,260
2	,552	2,008	,183
3	,521	1,899	,173
Total		6,767	,615
Mean	,612 <sup>a</sup>	2,256	,205

a. Mean Cronbach's Alpha is based on the mean Eigenvalue.

**Quantifications**

**Plot**

**Category Points**

